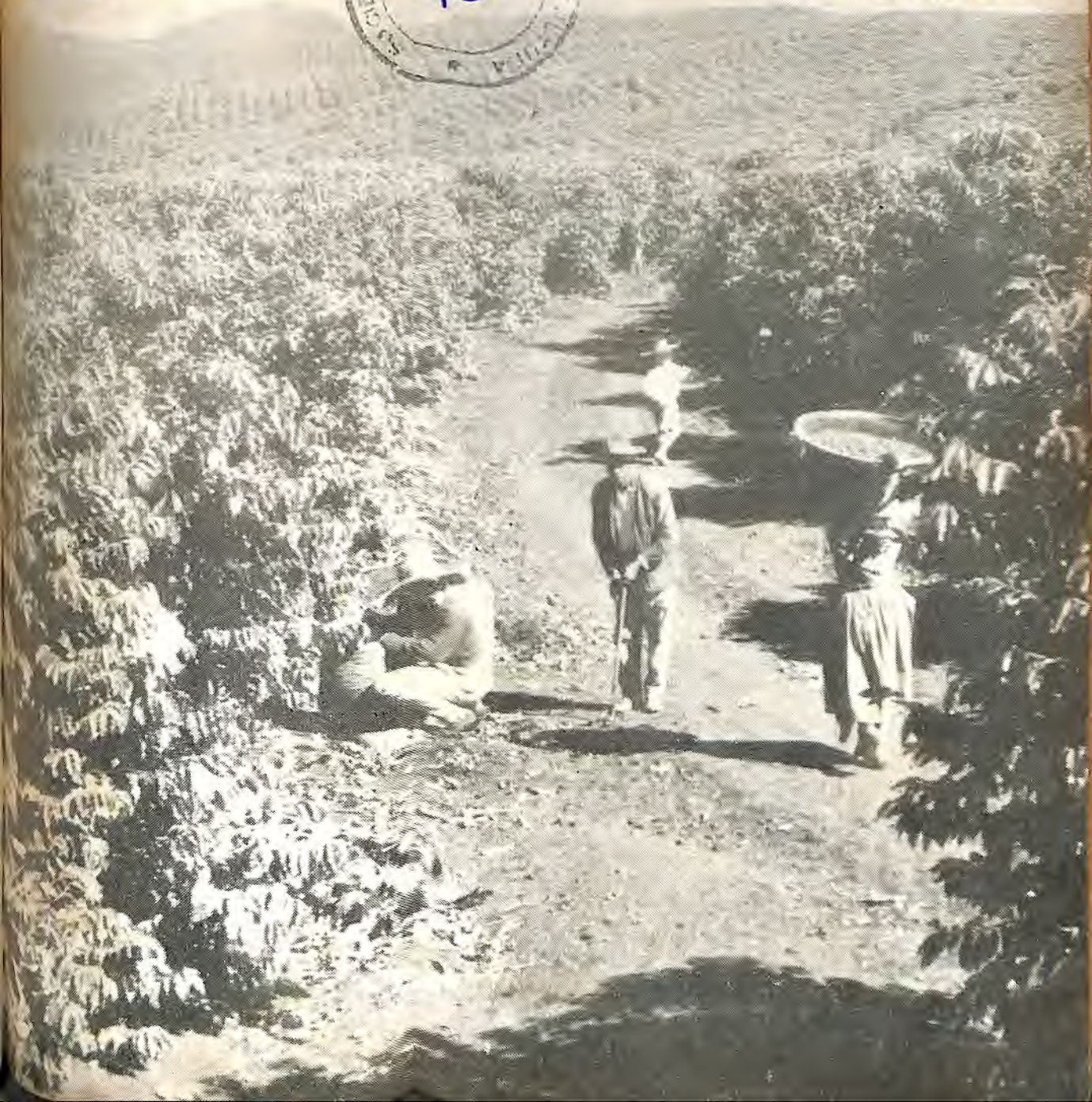
A LAVOURA

FUNDADA EM 1897
ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

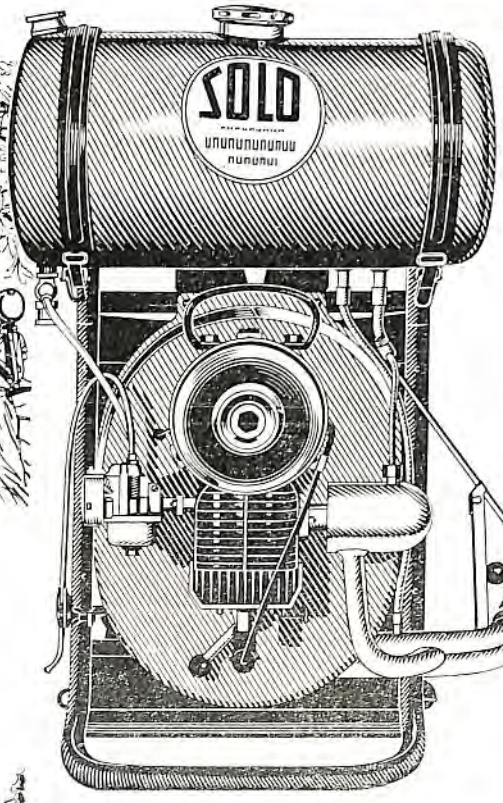
ANO LXIV

JULHO-AGÔSTO, 1961

BIBLIOTECA



POLVILHAÇÃO
PULVERIZAÇÃO
NEBULIZAÇÃO



MOTO POLVILHADEIRA

SOLO

Resultado da experiência dos agricultores de todo o mundo, os aparelhos SOLO para proteção das colheitas oferecem estas vantagens:

- ★ *Manejo fácil.*
- ★ *Depósito para 10 litros de pó ou líquido.*
- ★ *Leve de ser conduzida às costas.*
- ★ *Alcance do jato: cêrca de 15 metros.*
- ★ *Pêso máximo do aparelho cheio: 25 quilos.*
- ★ *Motor a gasolina de alta rotação e de pequeno consumo.*
- ★ *Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.*
- ★ *Cobertura total das plantas.*
- ★ *Ausência completa de trepidação.*
- ★ *Assistência técnica - ampla estoque de peças.*

Distribuidores exclusivos:
SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL

LASEC LTDA.
RUA CAMERINO. 61/81
Tels.: 43-4390 e 23-2101
RIO DE JANEIRO

52-197

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV — JULHO-AGÔSTO, 1961

A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

FUNDADA EM 1897

Presidente da Sociedade
Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES LOPES

Diretor Responsável e Redator-Secretário
LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor
Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA CAMARA

Diretor Técnico
Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Redator Técnico
Eng.º Agrônomo GERALDO GOULART DA SILVEIRA

Chefe de Publicidade
CARLOS ALBERTO SOARES

Redação e Administração:

GENERAL JUSTO, 171
Telefone: 42-2981
Caixa Postal: 1245
RIO DE JANEIRO

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitos emitidos em artigos assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar — Tel.: 33-1432 — End. Tel.: "LINEFE." C. P. 7257 — SÃO PAULO —

NOSSA Capa

No cafezal de alta produtividade o trabalho de colheita rende quatro vêzes mais. E' possível, então, colher cuidadosamente visando a produção de um café superior.

GLEBA ARINOS — Milho, resultado a partir do 2.º ano (noticiário na página numero 30)

SUMÁRIO

A Terra 3

A Juta — Luiz Marques Poliano 5

A Classe Rural Temas e Sugestões) Arruda Câmara 6

Saudação a um companheiro — Fábio Luiz Filho ... 10

Ameaçados os brasileiros de passar fome no ano de 2.000 — Altair A. M. Corrêa 11

Reforma Agrária de Minas Gerais 14

Cultura da Seringueira — A. de Miranda Bastos .. 20

Serviço Social Rural 22

Cooperativismo Escolar e Proletariado — Helly R. de Souza 21

Coccideose — O Eterno Problema — Haroldo de Vasconcellos 24

Colheita do Bananal — Cap. I 28

Colonização bem dirigida 30

I Encontro Regional do Abastecimento 34

Associativismo Rural 37

Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" — Prof. Geraldo G. da Silveira 42

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente	—	LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente	—	EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente	—	KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente	—	ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário	—	FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário	—	ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário	—	JOSÉ ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário	—	GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro	—	RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro	—	OTTO FRENSEL
Secretário-Geral	—	LUIZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO
FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JÚLIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADEIRA		OCUPANTE
1 — ENNES DE SOUZA	—	Alberto Ravache
2 — MOURA BRASIL	—	Geraldo Goulart da Silveira
3 — CAMPOS DA PAZ	—	Kurt Repsold
4 — BARÃO DE CAPANEMA	—	Luiz Marques Poliano
5 — ANTONIO FIALHO	—	Antonio de Arruda Camara
6 — WENCESLAU BELLO	—	Ennio Luiz Leitão
7 — SYLVIO RANGEL	—	Frederico Murtinho Braga
8 — PACHECO LEÃO	—	Valentim F. Bouças
9 — LAURO MULLER	—	Heitor Grillo
10 — MIGUEL CALMON	—	Joaquim Bertino de M. Carvalho
11 — LYRA CASTRO	—	Edgard Teixeira Leite
12 — AUGUSTO RAMOS	—	Luiz Simões Lopes
13 — SIMÕES LOPES	—	Jayme Bernardes Cotrim
14 — EDUARDO COTRIM	—	Paulo Simões Lopes
15 — PEDRO OZÓRIO	—	Antônio José Alves de Souza
16 — TRAJANO MEDEIROS	—	Luiz Guimarães Junior
17 — PAULINO CAVALCANTI	—	Iris Meinberg
18 — FERNANDO COSTA	—	Julio Cesar Covello
19 — SÉRGIO DE CARVALHO	—	Oswaldo Balarin
20 — GUSTAVO DUTRA	—	Ignácio Tosta Filho
21 — JOSÉ TRINDADE	—	José Augusto B. de Medeiros
22 — IGNÁCIO TOSTA	—	Fábio Luz Filho
23 — JOSÉ SATURNINO	—	Mário Penteado de F. e Silva
24 — JOSÉ BONIFÁCIO	—	Francisco de Assis Iglésias
25 — LUIZ DE QUEIROZ	—	Alfredo L. de Ferreira Chaves
26 — CARLOS MOREIRA	—	Honório Monteiro Filho
27 — ALBERTO SAMPAIO	—	José Carlos de Macedo Sores
28 — NAVARRO DE ANDRADE	—	Rômulo Cavina
29 — ALBERTO TORRES	—	Otto Frensel
30 — SÁ FORTES	—	Oswallo Lazzarini Peckolt
31 — THEODORO PECKOLT	—	Rômulo Joviano
32 — RICARDO DE CARVALHO	—	José Sampaio Fernandes
33 — BARBOSA RODRIGUES	—	Sylvio Fróes de Abreu
34 — GONZAGA CAMPOS	—	José Assis Ribeiro
35 — AMÉRICO BRAGA	—	Moacyr Alves de Souza
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA	—	José Carlos Bello Lisboa
37 — MELLO LEITÃO	—	Milton Freitas de Souza
38 — ARISTIDES CAIRE	—	Paulo F. de Parreiras Horta
39 — VITAL BRASIL	—	Adamastor Lima
40 — GETÚLIO VARGAS		

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes Órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Mini stério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Poliano; **Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil** — Dr. Altino de Azevedo Sodré; **Comissão Permanente de Estradas de R odagem** — Dr. Raul David de Sansom; **Instituto Brasileiro de Educação e Cultura** (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; **Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais** — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; **Conselho Interamericano de Comérci o e Produção** — Dr. Edgard Teixeira Leite; **Comissão Consultiva de Acordos Comerciais** (Mnistério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; **Comissão de Política Agrária** (Ministério da Agricu ltura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente: Alberto Ravache; **Conselho do Merito Agricola** — Luiz Sim ões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; **Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara** — Abel de Almeida; **Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara** — Juvenal da Silva Azevedo.

A Terra

E' o maior patrimônio da Nação. Dela vem tudo o de que necessita um povo para viver. Indispensável, para isso, que seja convenientemente aproveitada. Êsse aproveitamento depende, essencialmente, do emprêgo de métodos racionais de exploração, que não o prejudiquem, antes o valorizem, e de um regime legal que assegure um mínimo de estabilidade àquele que o cultive.

Infelizmente, temos até aqui agido em relação à terra de modo exatamente ao contrário. Temo-la espoliado, destruindo a riqueza natural, prejudicando-lhe as fontes da vida: as águas, a flora e a faúna.

Fala-se agora, insistentemente, em Reforma Agrária. De um modo geral, limitam-na a uma política de dar terra a quem não a tem. E' nêsse ponto que muitos fixam o eixo do movimento "reformista" que polariza a atenção de parlamentares, de homens de Govêrno, de organismos públicos e privados.

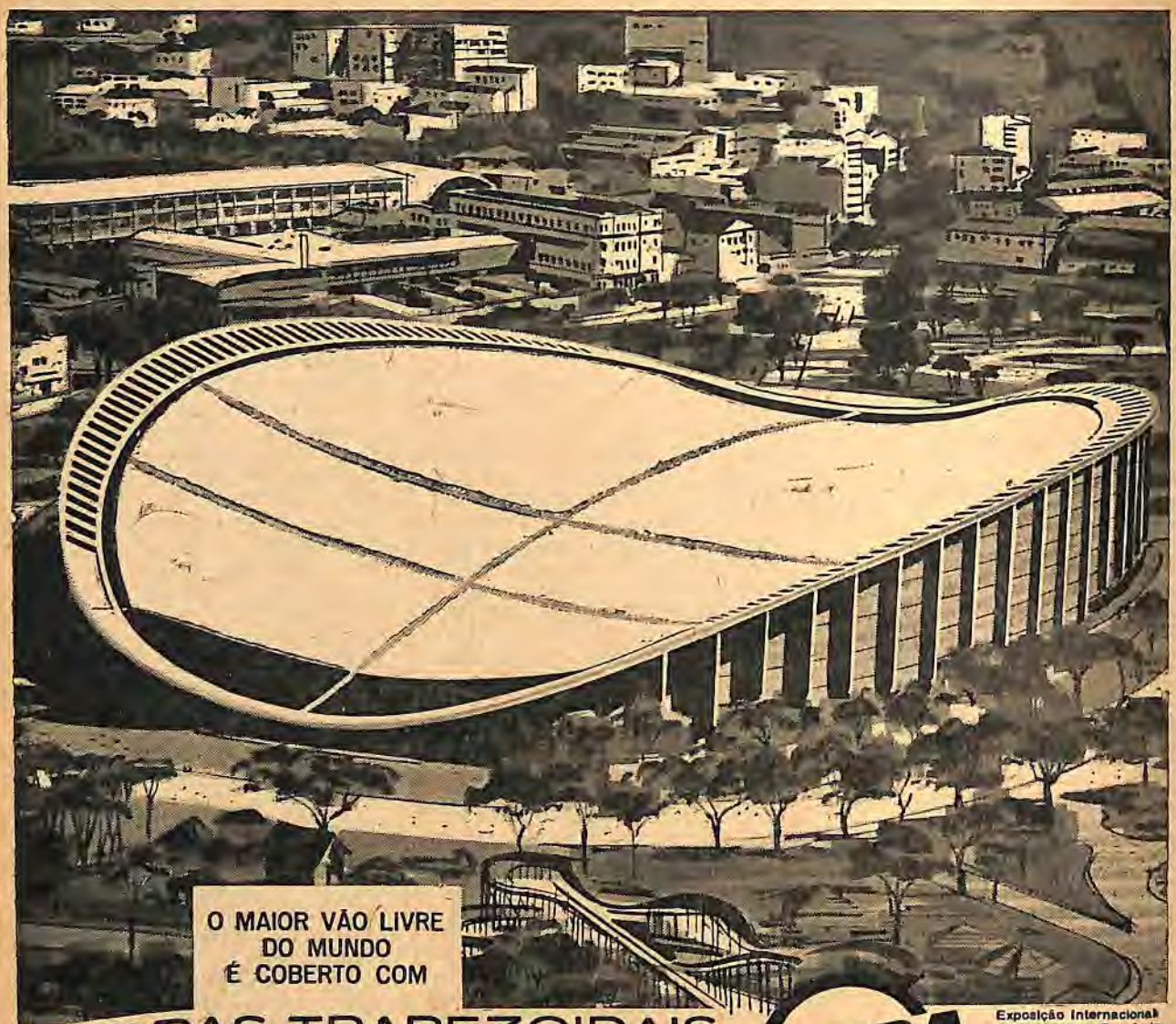
Mas, *dar* a terra, simplesmente, não é Reforma Agrária. Não será por êsse processo simplista, de certa forma demagógico, que escoimaremos o nosso regime de terras agrícolas — recentemente taxado de caduco — dos seus mais gritantes defeitos.

Reforma Agrária — temos de repetí-lo — é um conjunto de providências que habilitem o agricultor a utilizar a terra em benefício próprio e também no da coletividade; que ensine o proprietário a respeitar êsse imenso bem coletivo, a conservá-lo e, sobretudo, a melhorá-lo pela técnica e pelo emprêgo de uma série de medidas que possibilitem a sua utilização tão completa quanto possível.

As precárias condições atuais de nossas terras agrícolas nos convencem de que aqueles que já hoje as detêm, com raríssimas exceções, ainda não as souberam — ou não as puderam — utilizar convenientemente.

Dando terra, simplesmente, não solucionaremos o problema. Talvêz até o agravemos com o aumento do número de seus detentores — pois que isto acarretaria maior *déficit* de assistência técnica, de crédito, de transportes, de mercados, de distribuição e colocação da produção, enfim, de todo um complexo de medidas que seria ocioso alinhar, porque está no consenso de quantos estudam e patrioticamente se dedicam ao grave problema.

Decida-se o Govêrno a enfrentá-lo sob aqueles aspectos, através uma lei agrária livre de interêsses políticos, e, sem saltos nem sobressaltos, terá para êle a solução que convém.



O MAIOR VÃO LIVRE DO MUNDO É COBERTO COM

CHAPAS TRAPEZOIDAIS DE ALUMÍNIO ALBRA

Exposição Internacional de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro — 28.000 m² de área coberta!

E por que não também em sua indústria?

A gigantesca Exposição Internacional de Indústria e Comércio da cidade do Rio de Janeiro permanecerá, pelos anos afora, como um local permanente para mostra de produtos nacionais. Sua área coberta é de 28.000 m² — o maior vão livre coberto do mundo! Para essa cobertura, era preciso um material que durasse mais, sempre mantendo uma boa aparência, que refletisse o calor, e que, por sua leveza, fôsse adequado ao projeto. A escolha rigorosa recaiu sôbre as CHAPAS DE ALUMÍNIO ALBRA, produto brasileiro, que reúne tôdas as qualidades exigidas! Aproveite a experiência dos construtores da Exposição Internacional. Faça a cobertura de sua indústria com CHAPAS DE ALUMÍNIO ALBRA e veja como as vantagens compensam e ultrapassam o custo!

- São mais leves — permitem áreas cobertas maiores, com menor gasto de suportes e colunas!
- Refletem o calor — tornam o ambiente interior muito mais agradável!
- Duram mais — não enferrujam, nem se deformam!

UM PRODUTO DA
ALUMÍNIO DO BRASIL S.A.

São Paulo: Av. São João, 473 — 22.° andar
Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 57 — 18.° andar
Pôrto Alegre: Rua Uruguai, 155 — 9.° andar
Recife: Praça do Carmo, 30 — 13.° andar

A JUTA

LUIZ MARQUES POLIANO

O Brasil, como país produtor e exportador de café, não podia desinteressar-se do problema da sacaria e, pois, de sua matéria prima tradicional — a juta. Lá pelos idos de 1919 o debate a respeito do prêço da juta entre nós repercutia até na Índia — país produtor da fibra. Segundo um cearense lá radicado, (há cearenses em todo o mundo...), Sr. Antonino da Silva Neves, negociante em Bombaim, afirmava que, "tratando-se de juta e outras coisas idênticas, dizem-se no Brasil verdades e mentiras. Estas avultam mais do que aquelas" — conforme se vê de uma carta sua à S.N.A.

Mas, uma verdade era inconteste: a existência da fome da fibra no Brasil e o seu alto prêço. Custava um "Bale" de juta 400 libras, FOB, em rúpias (cêrca de 2$000 ao câmbio da época), de 90 a 195, de acôrdo com o tipo; as qualidades "First", de 76 a 120 rúpias; finalmente, a de mais baixa qualidade, 12 a 52 rúpias. E' o que diz na sua missiva aquêle falecido cearense, que tivemos oportunidade de conhecer pessoalmente.

Foi porisso que o Govêrno resolveu, em abril de 1918, enviar dois técnicos ao Oriente, para "verificar quais as vantagens e possibilidades da introdução e da cultura da juta no Brasil": o dr. E. Navarro de Andrade e o dr. Rodrigues Caldas.

Ambos seguiram para o Oriente via Estados Unidos, a fim de que o sr. Navarro de Andrade pudesse primeiro ir a Cuba, para in loco examinar as culturas experimentais que se dizia lá existirem, assim como a máquina descorticadora do sr. Girondier; e o segundo, para que pudesse informar-se nos Estados Unidos e no Japão, a respeito das culturas nas Filipinas e em Formosa, as quais pretendia visitar.

O dr. Navarro seguiu para Cuba e o dr. Caldas soube em Washington, pelo "Botanist in Charge of Fiber Instigation" do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos que naquelas Ilhas não existia nenhuma plantação da fibra.

Embora fôsse do seu desejo certificar-se pessoalmente da informação do Departamento de Agricultura, dificuldades em obter condução para Manilha e Taihoku fizeram com que seguisse diretamente para a Índia. Chegou a Calcutá quatro meses e sete dias após ter saído do Brasil. Foi seu auxiliar nessa viagem o dr. Bello Lisbôa, depois diretor da Escola Agrícola de Viçosa e nome estreitamente ligado, até hoje, aos nossos problemas agrícolas.

Não temos notícia dos resultados da viagem do dr. Navarro de Andrade, mas o dr. Caldas deixou substancioso e extenso relatório de tudo quanto viu no país, que, ao tempo, era o único produtor de juta no mundo.

Duas foram, então, as suas conclusões principais, talvez justificáveis para a época mas que, na atualidade do Brasil, estão inteiramente superadas:

"1.º) Igualem-se ou suprimam-se gradativamente os direitos aduaneiros da juta bruta, da aniagem e dos sacos, e a crise dos preços cessará prontamente;

2.º) Nas condições econômicas atuais do país não é aconselhável a introdução da juta".

Era, como se vê, apenas o problema de prêço da matéria prima que preocupava o Govêrno. Tanto que, alguns anos depois, foi a cultura da juta introduzida na Amazônia e ali prosperou, a ponto de já se cogitar até de exportar excedentes.

Os dados estatísticos de que dispomos dizem que, em 1944 produzimos 6.357 toneladas, no valor de 61 milhões de cruzeiros, subindo o volume produzido, em 1959, a 32.284 toneladas, no valor de 466 milhões de cruzeiros.

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CÂMARA

ALIMENTAÇÃO

O comendador e escritor Luís da Câmara Cascudo, no seu DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO, descreve os seguintes ALIMENTOS:

1) AARÚ: — bôlo preparado pelos Cocuzos (indígenas da região central de Mato Grosso) socando-se num pilão um tatu inteiro, até trituração completa dos ossos, e depois misturando-o à massa de mandioca feita beiju;

2) ABALÁ: — massa preparada da mesma maneira que para o "acarajé", juntando-se azeite doce (azeite de cheiro) e pimenta à vontade. Com uma colher de sopa, vai-se tirando a massa em pequena quantidade (uma xícara pequena) e embrulhando-se em fôlhas de bananeira (verdes); cada porção da massa leva um camarão sêco, bem cozido, inteiro. Osí embrulinhos são cozinhados em banho-maria;

3) ABARÁ: — prato da cozinha afro-baiana, — põe-se o feijão fradinho em vaso com água até que permita desprendê-lo da casca, e depois de ralado na pedra com cebola e sal, junta-se azeite de cheiro (azeite de dendê), revolvendo-se tudo com uma colher de madeira. Finalmente, envolve-se pequenas quantidades em folhas de bananeira e coze-se em banho-maria;

4) ABEREM: — conduto da culinária afro-bahiana, inevitável nos cardápios de festas típicas na cidade do Salvador Prepara-se o milho como se fôra para o "acará", e dêle se fazem bolas semelhantes às de bilhar, que são envolvidas em folhas sêcas de bananeiras, aproveitando-se a fibra que se retira do tronco para atar o aberem. É servido com caruru e também com mel-de-abelhas. Dissolvido na água e açúcar dá um excelente refrigente. Havia ainda o aberem preparado com açúcar e limão.

5) ABRAZÔ: — O mesmo que "ambrazô" — comida africana, constante de pequenos bôlos, feitos de farinha de milho ou de mandioca, azeite de dendê (de cheiro) pimenta e outros temperos, fritos no mesmo azeite, também chamado "ambrazô";

6) ABUNÃ: — comida feita com ovos de quelônios (tartaruga, tracajá, muçuã, mucanguê, arabu), alimentação no interior da Amazônia;

7) ACAÇÁ: — na cozinha afro-baihana é um dos pratos indispensáveis ao paladar coletivo. Espécie de bôlo de arroz ou de milho ralado na pedra, moído no ponto de gelatina e cozido, em forma retangular, ficando o bôlo, envolvido em fôlhas verdes de bananeiras, pretuberante no centro e achatado para os bordos. Servem como pirão para o vatapá e o caruru ou dissolvendo em água e açúcar fornece ume bebida refrigerante a que chamam garapa de acaça, aconselhado para as mulheres que amamentam. Há também o acaçá-de-leite, acaçá-de-leite-de-coco;

8) ACARÁ: — O mesmo Acarajé;

9) ACARAJÉ: — bôlo de fradinho (ver ABARÁ) com môlho especial de pimenta malagueta, cebola, camarões, — mais suculento que o "abará";

10) ADO: — gulodice negra da Bahia. Milho torrado, reduzido a pó e temperado com azeite de dendê (de cheiro) e mel de abelhas;

1) AFURA: — bôlo de arroz fermentado e moído na pedra. Serve-se com água açucarada na qual dissolve, formando bebida regrigerante muito apreciada pelos Nagôs e pela população de Salvador;

12) AIPIM: — Mandioca doce, macaxeira. Ocaim da macaxeira era bebida apreciadíssima. O aipim comem cozinhado e assado, servem para farinha de beijus;

13) ALAMBICA: — O mesmo que ABÓBRA, jerimum, serve-se cozido, em sopa, etc. Jerimu caboclo, jerimu de leite; muranga (jerimu caboclo);

14) ALFELÓ: — Doce conhecido como alfeólo, felô, alfélua, alféloa, — de origem árabe, típico e popularissimos em sua simplicidade para fazer comer. Pasta de mel que preferem em "ponto grosso", diz-se "felô" e "puva-puxa" en-

trado no Brasil, por intermédio da Província Ibérica que o havia importado;

15) ALFENIM: — Massa de açúcar sêca, vendida em forma de flores, animais, sapatos, cachimbos, peixes etc., origem árabe, valendo, alvo, branco;

16) ALHO: — diaforético, tosses, influenza, dor de dentes; fricionado nos pulsos e dado a cheirar, vale como éter. Usam-no como chá, lambedor (xarope). O alho plantado na noite de São João nasce antes do amanhecer; o olor afasta as feitiçarias, que não resistem à barreira invisível criada por êle. Onde existir alho, não há bruxaria. O caipora foge de quem mastiga alho. É tempêro apreciado;

17) ALIMENTAÇÃO: — Vide COMER.

18) ANEL: — bôlo de anel, bôlo de festa natalícia dos solteiros, consiste em pôr um anel na massa e quem o encontrar casa-se dentro de um ano;

19) AMBRAZÓ: — Comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos;

20) AMENDOIM: — Mendobi, amendoí. Plantam-se amendoins em terra solta e úmida, em a qual a planta se benificia; as índias costumam plantar; nesta lavoura não entra homem senão as plantas não nascem. Há diversas abusões;

21) AMORI: — Prato afro-bahiano feito com fôlhas de mustarda, sem cortar, temperadas como o efó, fritas no azeite de dendê (de cheiro). Chamam, também, LATIPÁ;

22) ANTA: — Era o maior mamífero do Brasil, pre-colonial; é extraordinàriamente forte; na Amazônia acreditam na anta-cachorro fantástica; é boa caça, os índios chainam na TAPIRA;

23) ARU: — Pirão de ovos de tartaruga, tracajá, ou outro quelênio, com farinha e açúcar na Amazônia; vide ABUNÃ;

24) ARACU: — Peixe do gênero Leporinos Anastomídeos cujos tipos principais são piava ou piaba, chimboré, tanchim, etc.;

25) ARAMAÇÃ: — Patraca, Urumaçã, Maraçatuba, Linguado e Solha;

26) ARITICA: — Feijão com rapadura. O mesmo que granfanja, usado no Rio Grande do Norte;

27) ARROZ DE AUSSA: — Arroz cozido em água sem sal formando purê, servindo-se com um môlho substancial;

28) ARUÁ: — O mesmo que uruá, arruá, — molusco gasterópede, gênero ampulária, — encontra-se nos alagadiços; no Ceará é uma ostra de água doce, em Alagoas chamam Caranguejo. É preconizado como tendo virtudes de ser bom para moléstia do peito, — usam-no como lambedor;

29) ARUBÉ: — Massa feita de mandioca puba, sal, alho e pimenta da terra, misturam com môlho de peixe; também chamado uarubé;

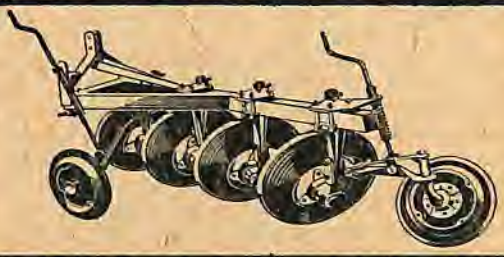
30) ARRUDA: — Ruta graveoders, aperitivo e fortificante;

31) ATAPU: — Uatapu do Pará, guatapu, guatapi, — no mercado de peixe usam o buzio para chamar a freguezia;

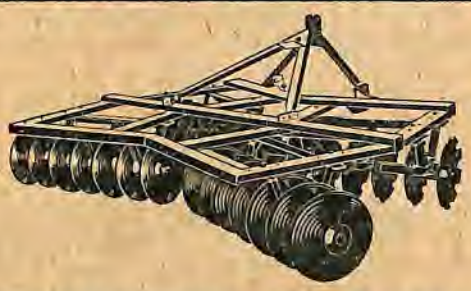
32) ATARÉ: — Pimenta do Costa, — condi-

CARRÊTAS

ARADOS



GRADES



...e outros implementos agrícolas

PONTAL

PONTAL MATERIAL RODANTE S/A.
Vendas pelos revendedores autorizados de
PONTAL MERCANTIL S. A.

à PONTAL MERCANTIL S. A.
Av. do Estado, 5783 - S. PAULO - C. Postal 8.333 — Fone 37-4195
Peço enviar-me grátis, folhetos do(s) artigo(s) assinalado(s) e de revendedores mais próximos.
Nome: .....
Rua ..... C.P. .....
Cidade ..... Estado .....

☐ CARRÊTAS ☐ CARRINHOS ☐ RODAS
☐ RODEIROS ☐ TROLÊTE ☐ IMPLEMENTOS
Marque no quadrinho o artigo de seu interêsse.

mento apreciado na cozinha afro-bahiana; é a pimenta malagueta;

33) AVES: — Diferentes espécies; algumas com variadas plumagens úteis à alimentação;

34) AVIÚ: — Espécie de camarão de que fazem apreciada sopa engrossada com farinha de tapioca nas praias de Camêtá e do Tocantins

35) AZEITE DE DENDÊ (de "CHEIRO"): — Óleo extraído do fruto da palmeira dendê, dendezeiro **Elais guineensis;**

36) BABA DE MOÇA: — Um dos doces mais velhos e populares do Brasil;

37) BACABA: — Fruto da bacabeira, — palmeira da espécie **Oenocarpus bacaba** e **O. distischus,** de que se extrai a bacabada;

38) BACURI: — **Platonia insinis,** Mart, do mesocarpo do fruto fazem compota;

39) BAGRE: — Peixe da pele, silúrido muito apreciado;

40) BAIÃO-DE-DOIS: — Prato popular no Ceará;

41) BAMBÁ: — Borra de azeite de dendê (fino). Farófa de bambá, farinha de mandioca temperada no bambá. Prato angolez;

42) BANANEIRA: — **Musa sapientum.** L., **Musa paradissica.** Tem sua **história** e mistérios. Na noite de São João quem meter uma faca na bananeira verá o nome da futura noiva ou do futuro noivo. Quando vai dar cacho a bananeira gême. "Quem cortar atravessadas as pacobas ou bananas, ver-lhes-á no meio uma feição de crucifixo". Diversas cariedades; entre as espécies e variedades cultivadas no Brasil, figuram: — **ouro, prata, maçã, São Tomé, anã** ou **nanica, comprida ou da terra, farta velhaco,** etc.;

43) BAZULAQUE: — Doce feito de côco ralado e mel de furo chamado **pé-de-moleque;**

44) BEIJU: — Bôlo de massa de mandioca, do tupi **mbeiu,** alimento indígena muito apreciado: beijus de tapioca chamados **punhos crespos;**

45) BEM-CASADOS: — Nome de um biscoito de goma;

46) BIARIBU: — Modo peculiar dos selvagens cozinhar a caça e o peixe, **moquear;**

47) BIJACICA: — Bolinho, tipo rôsca, feito le polvilho, ovos e açucar, frito na banha;

48) BOBÓ: — Comida África usada na Bahia, feita de feijão-mendubi ou feijão-mulatinho, bem cozido em pouca água com algum sal e banana da terra quase madura. Reduzido o feijão a massa junta-se-lhe azeite de dendê (de cheiro);

49) BOLA: — Doce de açúcar refinado em ponto vítreo, envolto em papel; bola de açúcar queimado; bola de açúcar e côco; rebuçado;

50) BOTADA: — Jantar dado nos engenhos de açúcar por ocasião da botada ou início de funcionamento;

51) BROTE: — Bolacha dura, pão (do holandez), venlido nos Estados (nordeste);

52) BUCHA: — Comida ligeira;

53) BUCHADA: — Prato tradicional no norte e nordeste brasileiro; indigesto;

54) BURITI: — Vinho e doce de buriti, — palmeira das espécies **Mauritia vinifera** art., **M. armata;**

55) BUTARGA: — Conserva de ovas de peixe, caviar brasileiro;

56) CAAPI: — Bebida extraída do cipó **Banisteria caapi** usada no Rio Uapés;

57) CEBELOURO: — Tendão;

58) CABIDELA: — Guisado de galinha, pato, ganso, peru, etc.;

59) CACHAÇA: — Aguardente;

60) CACHIMBO: — Bebida feita com mel de abelha e aguardente;

61) CAFOFA: Comida feita com carne sêca, frita,, misturada com farinha;

62) CAIÇUMA: — Bebida serrana; café muito forte, quente, com ou sem açúcar, com leite apojado;

64) CANJICA: — Canjiquinha, creme de milho verde, papa de milho verde com leite de vaca ou de côco e açúcar;

65) CARIMÃ: — Bôlo preparado com a massa de mandioca e água, em forma de discos e secos ao sol, empregado em papas e mingaus;

66) CARNE-DO-CEARÁ: — Carne sêca, jabá, indústria das salinas do Rio Grande do Norte e do Ceará (Aracati e Camocim);

67) CARURU: — Iguaria de origem africana, sudanesca, muito popular na Bahia;

68) CARURU-DOS-MENINOS: — Prato oferecido aos meninos que frequentam os candoblês;

69 CARTOLA: — Prato ligeiro de sobremesa de bananas fritas, queijo assado, açúcar e canela;

70) CAUI: — Também chamado CAUIM, água de bébedo, cachaça, etc., tôda bebida fermentada espirituosa ou aquosa;

71) CERIMÔNIA: — Prato ligeiro de sobremesa, feito de bananas, fritas, queijo assado, açúcar e canela. Nordeste do Brasil;

72) CERIMÔNIA: — Um pouco de comida que é costume deixar-se em cada prato na refeição em casas alheias, por parecer mal comer tudo;

73) CHOURIÇO: — Dôce feito com sangue de porco e outras especiarias. Linguiça, tripa cheia de carne, temperada com sangue cozido com temperos, choriço dôce, morcela, linguiça de sangue com açúcar e temperos, dôce de sangue com farinha de mandioca e temperos (pimenta lo reino (bem pilada) gengibre, chavo e canela); prato comum no Nordeste;

74) CHURRASCO: — Alimentação riograndense do sul, que se tornou conhecida; carne assada na brasa, — é a carne de espeto servida com farinha, às vêzes com mólho;

75) COCADA: — Dôce de côco, com açúcar, cortada a massa em quadradinhos;

76) CÔCO: — Fruto e tempêro; dança muito comum no Nordeste (Alagoas, etc.);

77) COERANA: — Fruto da solanácea gênero Cestrus com diversas espécies;

78) COMER: — Refeições;

79) CONSOADA: — Refeição tomada à noite nos dias de jejum;

80) CRAVO: — Tempêro;

81) CRUSTÁCEOS: — Carangueijos, siri;

82) CUXÁ: — Arroz cozido em fôlhas de vinagreira e e quiabo, com gergelim torrado reduzido a pó misturado com farinha de mandioca, no Maranhão;

gostoso como
uma tarde no circo!

NOVO
NESCAU
-vitaminado... instantâneo

Além de ser de facílima digestão, o Novo NESCAU é rico em vitaminas... por isso, o Novo NESCAU faz você crescer mais depressa e sempre forte!

E você mesmo o prepara como num passe de mágica: basta pôr uma colher de Nescau no leite, mexer... e pronto! O seu NESCAU se desmancha todinho, sem precisar bater!

Peça hoje mesmo
à mamãe o seu copo de
NESCAU
quente ou frio... é gostoso, é sadio!

83) DABUCURI: — Banquete, festa de convite em que se declara a comida, dada de tribo a tribo, em sinal de amizade e boa visinhança;

84) DENDÊ: — Azeite obtido da palmeira **Elais guineenses**, Jack, o azeite de dendê (de cheiro) é indispensável à cozinha afro-bahiana;

85) DENGUE: — Milho branco, cozido com pouco açúcar;

86) EBÓ: — Farinha de milho branco, sem sal. Depois de cozida certas tribos africanas dão azeite de dendê ou o ouri. Empregam para o consumo misturado com feijão fradinho torrado, água e sal;

87) ECURU: — Farofa de massa de feijão-fradinho, diluída em mel de abelhas ou azeite de dendê e sal semelhante ao acarajé;

88) EFÓ: — Cortam-se em pedacinhos as fôlhas de lingua-de-vaca ou de taioba aferventão-se, escorre-se a água numa peneira, tempera-se com camarões sêcos descascados e moídos, cebolas, coentro, pimenta e sal. Adiciona-se um pedaço de peixe sêco ou bacalhau, cozinha-se em água até ficar bem cozida e enxuta. Põe-se azeite de dendê, mexe-se bem e serve-se;

89) EFUN-OGUÉDÉ: — Corta-se banana São Tomé, não madura e põe-se a secar as fatias ao sol, reduz-se a farinha;

90) EGUSSI: — Pevide de abóbora ou melancia;

91) EMBIRICICA: — Fieira de peixe, cambada;

92) ERÃN-PATERÉ: — Pedaço de carne verde, bem fresca, salgada e frita no azeite de dendê (de cheiro);

93) FARINHA-de mandioca, de milho, etc.; gente como farinha, ganhar dinheiro como farinha; peixe no prato-farinha na cúia;

94) FARINHA (CASA DE): — Dependência onde se fabrica farinha, farinha d'água, farinha sêca, farinha de pau;

95) FAROFA DE CASCO: — Aberta a tartaruga, tirados os ovos, vísceras, quartos, filés, o casco (carapaça) fica aparentemente limpo. Levado, porém, ao fogo, depois de lavalo e temperado com sal e limão, escorrega-lhe abundante gordura para o fundo da carapaça sob a ação do calor. Essa gordura, misturada no próprio casco, usa-se na alimentação. Os pobres fazem render o acepipe, levando ao fogo, durante dias e adicionando novas doses de farinha;

96) FAZER AS ONZE: — Almôço ligeiro;

97) FEIJÃO: — Passos de dança (côco), alimento, feijão fradinho, mulatinho, etc.;

98) FEIJOADA: — Prato popular preferido por tôdas as classes; a feijoada completa é tradicional e substancial reunindo verduras e carne, linguiça, paio, charque, orelhas de porco, abóbora, aipim ou macaxeira; diferentes as receitas

99) FESTAS: — A festa é a do Natal e de São João, Santo Antônio, São Pedro e Senhora Sant'Ana ou Natal, Páscoa e São João;

100) FURRUNDUM: — Dôce de cidra ralada, feito com mel ou rapadura, açúcar;

101) GARAPA: — Nome comum de diversas bebidas refrigerantes;

102) GARRADA: — Remédio preparado pelos curandeiros;

103) GAUDÉRIO: — Godério, godero, parasita, vadio, filante, papa-jantar;

104) GEMADA: — Bebida feita com gemas de ôvo, açúcar e leite quente;

185) GROGUE: — Bebidas misturadas está grogue, embriagado;

106) GRUDE: — Espécie de bôlo de goma ou massa de mandioca, com açúcar e côco, envolvido em fôlhas de bananeira;

107) GUAIAMUN: — Carangueijo terrestre, azulado .Também chamam guaimu, goiamum, fumbaba, goiamum;

108) GUAJÁ: — Crustáceo vermelho do gênero GUAIA;

109) GUERERÉ: — Alimento. Guisado com as vértebras dorsais e a tripa do pirarucu;

110) IERÉ: — Semente semelhante à do coentro, usada na velha culinária afro-bahiana como tempêro para o caruru, peixe e galinha;

114) IMBU: — Árvore que dá de beber **Spondias tuberosa**, Arruda Câmara, de i-im-ú (Teodoro Sampaio);

112) INAMBU: — Aves da família Tinamida, gênero Crypturus. Chamam inamu, enambu, nambu, nhambu;

113) INDEZ: — Ovos que se deitam no ninho de galinhas

114) INHAME: — Túbera de origem africana **Dioscorea sativa**, Linn.;

115) IPANDU: — Arbusto de que se extrai a cocaina **Erythroxyloncoca**. Os cabococ torramlhes as fôlhas, fazem delas, po, adicionam pó das fôlhas de embaúba, polvilho da tapioca, constitui o itambu; caçadores e pescadores trazem-na na bôca durante o serviço para enganar a fome;

116) IPETÉ: — Iguaria de inhame, cortado miúdo, fervido, tempera-se com azeite de dendê, cebola, pimenta e camarão, passados na pedra;

117) IRU: — Fava grande, de um centímetro, usada pelos afro-bahianos como condimento, embora em porção mínima;

118) JABÁ: — Carne sêca, carne salgada, charque; alimento utilizado mormente no Nordeste;

119) JABUTI: — Tartaruga terrestre **Testudo tabulata**, Spix., consumido como alimento;

120) JACUBA: — Café com farinha, — alimento feito com farinha, água e rapadura, acompanhado de café;

121) JAMANTA: — Arraia grande;

122) JAPANA: — arbusto **Eupatorum ayapana**, erva de cheiro;

123) JANTA: — Terceira e última refeição, considerada a principal refeição do dia;

124) JAPUAÇU: — Japu grande verde-amarelo com manchas amarelo ferrugem. bico cinzendo com a extremidade vermelho-cinábrio;

125) JEJUM: — Dia de jejum, pretexto para jantar bem;

126) JENIPAPO: — Fruto jenipapeiro **Genipa brasilienses**;

127) JERIBITA: — Aguardente ou cachaça, feita de bôrras de açúcar e mel-de-furo;

128) JINJIMBIRRA: — Bebida refrigerante e picante;

129) JUARAUÁ: — Peixe-boi.

(Continua)

Ameaçados os brasileiros de passar fome no ano de 2.000

A DESTRUIÇÃO ACELERADA DOS RECURSOS NATURAIS DEVE CAUSAR PREOCUPAÇÃO

Altir A. M. Corrêa
Engenheiro-Agrônomo

Os métodos primitivos de exploração da terra — a derrubada e queima da mata, o plantio morro abaixo, os incêndios repetidos das florestas e dos campos — têm tornado o território brasileiro empobrecido pela ação intensa dos agentes provocadores do flagelo da erosão.

O País, de acôrdo com as estimativas, seguindo o mesmo ritmo de aumento da população, deverá ter, no ano 2.000 — 156 milhões de habitantes. Como se alimentará a totalidade dos brasileiros daquela época, se persistirem as práticas atuais depredatórias dos recursos naturais? As gerações futuras deverão retirar do mesmo solo que hoje está sendo incenssantemente espoliado os elementos necessários para a subsistência.

ALIMENTAÇÃO E USO DA TERRA — A área do País explorada com lavoura é de cêrca de 25 milhões de hectares. A produção atual, nesse superfície dividida pela população, dá a média de apenas 500 gramas, diárias, de alimentos para cada habitante. Em face da quantidade mínima, julgada necessária para a sobrevivência do ser humano, de 1600 gramas, somos induzidos a concluir que a maior parte dos ocupantes do território nacional está sujeita a um regime de fome, refletido no maior índice de mortalidade do mundo.

Considerando que a deficiência alimentar há que aumentar três vêzes, a atual produção sòmente dará para atender ao presente número de habitantes. Para o ano 2.000, face ao crescimento da população, aquela deve ser multiplicada por 2.5. Há, então, que elevar a quantidade de alimentos e matérias-primas para sete e meia (7,5) mais, a do presente. Será possível a ampliação da área explorada para obtenção da produção necessária?

As terras utilizadas com agricultura, pecuária e as grandes superfícies que antes eram cobertas de mata, hoje estão sèriamente danificadas pela erosão, portanto, com reduzida capacidade produtiva. A estrutura topográfica, com declives acentuados em muitas regiões, a existência de vasta área convertida em catinga, cerrados e campos, são fatores limitantes para a expansão da área agrícola. A região amazônica, que comprende grande parte do território brasileiro, é sujeita a inundação periódicas, e devido a fortes chuvas e solo fraco só permite a exploração com lavoura por poucos anos. Como proceder, portanto, em vista da situação que se apresenta? Sòmente a utilização em escala intensa das técnicas agronômicas, com realçe das práticas de conservação do solo e da água, permitirão ao País possibilitar a manutenção de sua população.

O uso racional das áreas agrícolas comprende duas fases, que se completam — proteção contra os agentes da erosão e melhoramento da fertilidade. As terras devem ter planejada a exploração das atividades agro-pastorais em função da sua capacidade produtiva, possibilitando o sistema de maior produção sem ocasional danos da constituição.

Dentre as técnicas agronômicas, que devem ser adotadas por todos os agricultores, como rotina de trabalho, podem ser mencionadas: preparo do solo e semeadura seguindo a curva de nível; uso de sementes de maior produção; rotação de culturas e de pastos; adubações químicas e orgânicas; irrigação; manutenção de florestas nas encostas íngremes.

Se não houver uma coibição contra as práticas depredatórias dos recursos naturais, o País não terá condições para alimentar os seus filhos nas próximas décadas, salvo se, por determinação governamental, por instituída lei que limite o nascimento de brasileiros. Porém não acreditamos que govêrno algum queira adotar tão drástica quão antipática medida. Urge, portanto, que seja protegido eficientemente o solo, para que as gerações vindouras posasm ter de onde retirar os alimentos necessários à subsistência, porém como uma raça forte. NÃO HÁ POVO SADIO, SEM UM SOLO FÉRTIL!

ADUBOS VIANNA

Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telegráfico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR
INDÚSTRIA BRASILEIRA

CENTRIFUGAS
● Com motores elétricos
monofásticos de 1/4 a 1 H.P.
trifásicos de 0.75 a 5 H.P.
● Com motores a gasolina
auto-aspirante de 1. 1/4 H.P.
altapressão de 1. 1/2 a 5. 1/2 H.P.
À VENDA NAS BOAS CASAS
Fabricadas e garantidas pela
DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECANICA
Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro

UMA VACA
2 LITROS DE LEITE POR DIA

A produção de leite dos rebanhos que abastecem o Rio de Janeiro, comparada com a de vários países, apresenta um contraste chocante. E' 4 vêzes menor que a das vacas da Suiça e as da Dinamarca, 4 vezes e meia inferior à das cavas da Holanda.

Na verdade, não passa, em média, de 730 litros por vaca, anualmente, seja, 2 litros por dia.

A desvantagem provém em primeiro lugar, da fraca qualidade do gado. Os rebanhos finos, da raça holandesa, jersey ou outra, são poucos e pequenos. Na grande maioria, são apenas vacas crioulas ou mestiças, de reduzida produção.

Outra circunstância desfavorável é a falta de boas pastagens. E' insignificante o número de fazendeiros que dão rações adequadas e que tratam das pastagens para evitar que sejam pisoteadas em excesso, ou invadidas pelo mato. O pernicioso costume de queimar os campos no fim do inverno, a pretexto de limpá-los das hervas daninhas e do capim que secou, destrói quantidades enormes de substâncias que deveriam ser incorporadas ao solo para melhorar o seu valor.

Em vista dêste fato, um alqueire de terra não aguenta mais do que duas vacas, nas regiões que abastecem de leite o Rio de Janeiro. Nada menos de 800.000 vacas espalhadas pelos campos de 58 municípios dos Esados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e até de São Paulo e do Espírito Santo, estão sendo ordenhadas para fornecer o leite, o queijo e a manteiga que o Rio de Janeiro, e, naturalmente, essas regiões produtoras, consomem.

Para poderem atender às necessidades do consumo, que aumenta bastante de ano para ano, os responsáveis pela solução do problema estão indo buscar leite

(Continua na pág. 41)

"Altesa da Brasília". Proprietário: Gilberto Resende Peres — São Pedro dos Ferros — Minas Gerais

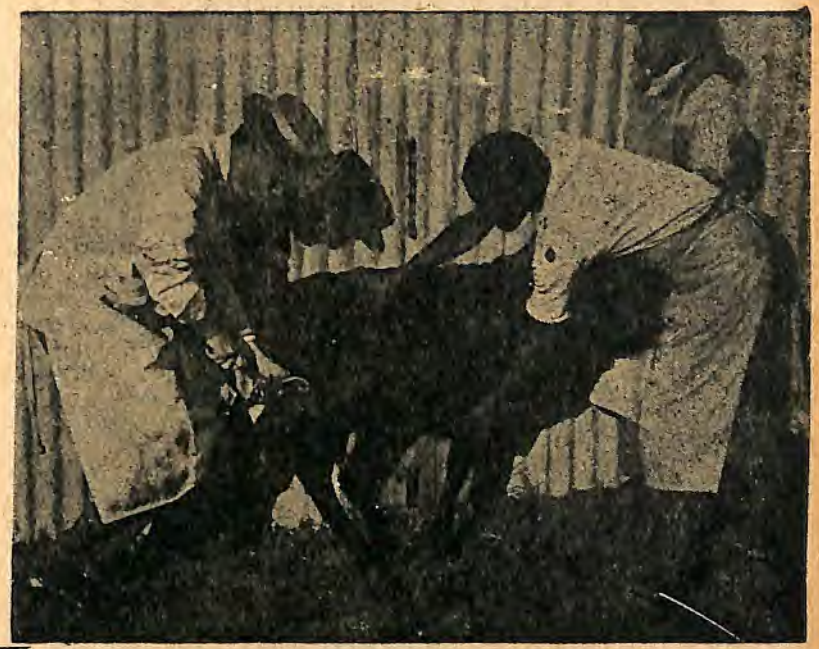
CHEGOU O NOVO MODÊLO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL

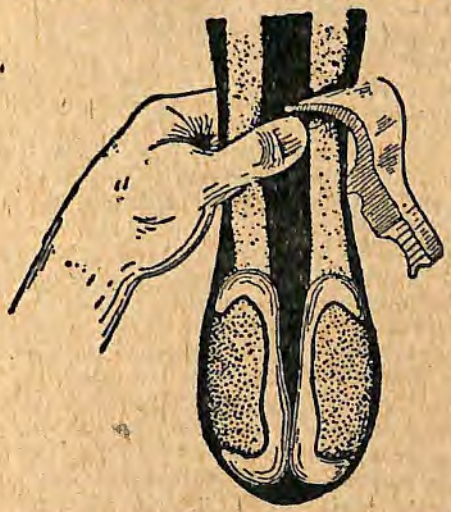
POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECÇÃO

Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.

Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGA-SE AOS DISTRIBUIDORES

HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

Reforma Agrária de Minas Gerais

O Professor Belo Lisboa, numa das últimas reuniões de Diretoria da SNA, leu, com aplausos gerais, respondendo a perguntas, as seguintes conclusões e sugestões do Círculo de Estudos da Sociedade Mineira de Engenheiros, promotora da "Semana Agrária", realizada em B. Horizonte, de 29 de maio a 3 de junho de 1961

É de interêsse geral que a legislação a ser estabelecida, obedeça às peculiaridades do nosso país, de cada estado e até de regiões e que imprima diretrizes seguras a uma estruturação agrária em bases tais que favoreça a recuperação e o desenvolvimento da agricultura, com incentivo à exploração da terra e valorização do homem do campo.

Essa legislação deve ter finalidade plurilateral, sob aspecto global, eliminando, por um lado, tôdas as anomalias de estrutura fundiária e, por outro, intituindo medidas efetivas de justiça social, de técnica de produção, de assistência multiforme, de defesa e restauração do solo, de elevação da capacidade produtiva dos obreiros e de proteção aos recursos naturais.

Reconhecida a sua necessidade, não se pode deixar de considerar que também se faz urgente a ação imediata, sem perda de tempo, com planejamento, visando resultados práticos mais próximos, através da utilização dos recursos já existentes.

As medidas que se estabelecerem não deverão de forma alguma prejudicar, antes, beneficiar a atual e já deficiente produção agrícola. E mais, não se fugir da determinante que a renovação agrária, por ser tão difícil e de tão longo alcance, deverá se processar por etapas.

Condição preliminar para se alcançar êxito na campanha visando o progresso rural que será julgado, sem dúvida, pelo aumento da produção de alimentos de origem vegetal e animal, o mais breve possível, é dar-se conveniente funcionalidade às propriedades agrícolas existentes, proporcionando-lhes a assistência que reclamam, ficando a certeza de que o homem tem de representar a principal meta de se atingir.

O crédito fácil e imediato, com taxas e prazos compatíveis com a sua aplicação, deve ser estabelecido instantâneamente, porém, sem as complicadas e atuais exigências com avaliações, registros e caras fiscalizações. Ressalte-se, ainda, como indesejáveis e prejudiciais, as frequentes idas dos clientes às sedes bancárias, quase sempre distantes. Até que se organize o crédito atual especializado, é necessário que os estabelecimentos existentes organizem a sua carteira rural sem subalternidade à comercial e mais, com dotação específica e a obrigatoriedade de seu emprêgo.

Os agricultores necessitam de financiamento não só para o custeio de suas culturas ou de sua pecuária, mas, também, de investimentos de melhoria, especialmente para residências de empregados, construção de terraças ,absolutamente indispensáveis ao combate da erosão, etc., etc. É claro que deverá haver rigorosa exigência de honorabilidade na aplicação dos recursos destinados a esta finalidade.

É recomendável que o govêrno dê imediata execução ao sistema de eletrificação rural que permita a instalação de indústrias regionais e locais, além de propiciar ao ruricola as vantagens das máquinas de benefício e o confôrto dos aparelhos eletro-domésticos.

O preço compensador é das mais importantes providências que se poderão levar ou oferecer aos agricultores, eis que ainda obtêm a sua produção com enorme sacrifício e torturante incerteza. É louvável o início da ação de fixação de preços mínimos conforme estabeleceu o Govêrno Federal, últimamente .Por outro lado, a rêde de armazéns gerais e silos, em crescimento no Estado de Minas Gerais, apresenta boa vantagem de crédito para defesa do preço sob garantia da produção alcançada, proporcionando aos agricultores a oportunidade de não ficarem sujeitos às ofertas aviltadas dos atacadistas. Não alcançando a produção preço razoável, jamais se conseguirá boa agricultura, e, para tanto, deverão ser criados órgãos competentes em cada zona agrícola, procurando-se, entretanto, evitar a situação gravosa.

A comercialização da produção deverá ser feita, preferencialmente, por intermédio das Cooperativas, atribuindo-se-lhes, no entanto, a maior responsabilidade quanto à prestação de contas. A padronização dos produtos agrícolas, a embalagem conveniente e principalmente a sacaria estão a exigir aperfeiçoamentos.

Deverá constituir ou merecer atenção dos Poderes Públicos, o escoamento fácil da produção, que sòmente será garantido por boas estradas de rodagem e rodovias, bem organizadas emprêsas de transportes e, sobretudo, com o reaparelhamento técnico e administrativo de nossas ferrovias, as quais, infeliz e prejudicialmente, estão deixando muito a desejar no que concerne a horário, eficiência e segurança.

O impôsto de vendas não deverá incidir tão pesadamente sôbre a produção agro-pecuária, por motivo de incerteza a que está sujeita, relativamente a riscos e prejuízos. Os produtos agrícolas são conseguidos com muito maior esfôrço que os da indústria e do comércio. O impôsto territorial não deverá perder a finalidade para que foi criado, tal a de compelir a boa produção agrícola e ainda transformar teras inapoveitadas em úteis para o bem estar social e ru-

DA ROÇA À CIDADE

DO CELEIRO AO ARMAZÉM...O

FORD F-350

—faz todo o serviço!

TAMANHO EXATO – Nem grande, nem pequeno. Circula em qualquer caminho ou estrada.

VIDA ÚTIL MAIS LONGA – Construído para durar anos, sempre dando lucros. Chassis super-reforçado. Pistões de curso reduzido.

POTÊNCIA DE SOBRA – 167 HP de potência; menos desgaste, maior economia, boa reserva de potência para os esforços extras...

SEGURO E CONFORTÁVEL – Espaçosa cabina. Perfeita segurança. Máximo confôrto.

Converse com o seu Revendedor FORD

VENDAS • PEÇAS • SERVIÇO – EM TODO O BRASIL...

transporte e que propiciem a fixação do homem à terra. E distribuídas sòmente àqueles que apresentarem comprovadas condições de comando, de economia e de permanência na gleba. Os latifúndios, realmente classificados, pela extensão, pela improdutividade e pelo abandono, também poderão ser atingidos, desde que apresentem, efetivamente, boas condições para agricultura, sob aspecto técnico e econômico. A êste respeito, devem ser tomadas providências a fim de que não se repitam os abusos praticados contra a limitação constitucional de dez (10) mil hectares.

As propriedades agrícolas médias, também chamadas "fazendas familiares", com área variando de vinte (20) a cem (100) hectares de terras de cultura e de pastagens e com capacidade econômica assegurada, representam o melhor tipo para o partilhamento. Um programa deverá ser estabelecido de modo a serem as propriedades agrícolas dotadas das instalações necessárias ao seu funcionamento, cujos trabalhos deverão ser executados pelo proprietário e pessoas da própria família. São elas as que apresentam os melhores índices ou resultados econômicos, possibilitando ,além da alimentação, os recursos indispensáveis ao trato da saúde e a educação de filhos e, ainda, oportunidade de progresso social.

Existindo em Minas Gerais considerável número de propriedades semelhantes do tipo acima referido, será recomendável que a ela se dê especial atenção, de modo a torná-las econômicas e em condições de oferecer aos seus proprietários, a melhoria de vida que mereçem, dependendo sòmente de assistência necessária até que possam manter-se pelo próprio esfôrço. Maior número existe de propriedades com área demasiadamente pequena, o que as torna improdutiva e negativas ao confôrto mínimo a que tem direito o homem, dando-lhe, apenas, escassa alimentação. Daí serem classificadas, sob o ponto de vista econômico, em "propriedades de subsistência".

A política de acesso à terra, com a concessão de terrenos devolutos e partilhamento de propriedades e a aglomeração de pequenas propriedades de subsistência, será melhor executada se ficar a cargo de sociedades de economia mista. Estas sociedades deverão ser dotadas de recursos entre tôdas as classes que já se beneficiaram, em boa parte, e de certa forma, à custa do aniquilamento rural e, ainda, por tôdas aquelas que vão receber vantagens, em consequências da maior, produtividade do campo, que se vai alcançar, com sua organização. Será injusto e impossível que se procure estabelecer a agricultura valendo-se tão só da sua pobreza material é social, daí a imperiosa necessidade da criação de fundos agrários pelos Govêrnos da União e do Estado.

É óbvio que os gastos com a obtenção de terrenos, montagem moderna das propriedades com as construções necessárias, equipamento para produção, despêsas iniciais e outras, não poderão se fazer sob a forma de simples doação, mas, de financiamento, ao prazo mínimo de dez (10) anos, a juros máximos de 6% a.a. (seis por cento ao ano) e com a condição indispensável e imperiosa de não se prejudicar a exploração, em virtude de alienação ou transferência "causa-mortis".

Para não se enfraquecer a ação de acesso à terra por proprietários com capacidade econômica que contibuam para o bem estar rural, deverá o Poder Público sancionar leis que proibam loteamentos de características urbanas no meio rural, ressalvando, é claro, a criação ou formação ou fundação de povoados, vilas e cidades.

É ùrgente que o Estado faça cumprir .enèrgicamente, tôdas as medidas legais de preservação das reservas florestais que ainda existem e, também, estimule o reflorestamento com essências convenientes para se poder recuperar, tanto quanto possível, o desmatamento realizado nos últimos trinta (30) anos, que colocou Minas Gerais à frente dos destruidores florestais, em todo o universo e garantir, finalmente, à agricultura, terras férteis e aguadas permanetes. De modo idêntico deverá agir em relação à caça e pesca.

O Círculo de Estudos lembra que cabendo ao Município importantes papel na renovação poderes executivo e legislativo agrária em tela, deverão os federal e estadual, proporcionar-lhe os recursos indispensáveis aos serviços da sua alçada, tais como: ensino primário, estradas de rodagem, pontes vicinas, vilas, povoados, assistência preventiva à saúde, etc., etc.

O Círculo, por último, agradece o inestimável e decidido apoio que lhe prestou a valorosa imprensa mineira no curso da semana agrária promovida pela Sociedade Mineira de Engenheiros, conclamando-a a que continue prestigiando qualquer ação que vise a prosperidade e a dignificação da agricultura e dos seus homens.

Engs.: Vicente Assumpção — presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros.

J. C. Belo Lisboa — coordenador e presidente do Círculo de Estudos.

José Moreira M. da Costa

Virgílio José M. Bastos

Victor Figueira de Freitas

Anibal de Andrade Câmara

Paulo Costa

Joaquim Maia

Paulo Veiga Salles

Archimedes Manso M. Bastos

Themístocles Barcellos

Manoel Pimentel Godoy

Sinval Macedo

Alberto Teixeira

Ari Mello Belizário

Alderico Rodrigues de Paula.

Secretários:

João Maria Belo Lisboa — Eng. agrônomo

Adolfo Neves Martins da Costa — Eng. civil

Jehovah de Andrade Carvalho — Advogado.

ANUNCIE
em
"A LAVOURA"

CADAL **CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS**

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPIRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.° AND. (SEDE PRÓPRIA)

CAIXA POSTAL 875 — — **TEL 31-1850 - rêde interna**

CULTURA DA SERINGUEIRA

A. de Miranda Bastos
(Naturalista do M.A.)

O Ministério da Agricultura está empenhado, desde um ano, na campanha de impulsionar no país a cultura da seringueira, a mais importante das plantas produtoras de borracha.

Nos princípios dêste século, o Brasil era o quase exclusivo fornecedor de tôda a borracha que se consumia no mundo. Ao aumentar, porém, de maneira acelerada, o consumo desta matéria-prima, os inglêses perceberam que nesta estava um excelente meio de ganhar dinheiro e, com sementes levadas da Amazônia, fizeram na ilha de Ceilão, ao sul da Índia, as primeiras plantações desta preciosa árvore em terras estranhas. Outras plantações se seguiram, nas ilhas de Java e de Sumatra, então, colônias da Holanda, bem assim em outros pontos da Ásia, Oceania e África. E como a borracha oriunda dessas culturas podia ser vendida muito mais barata que a nossa, os produtores do Brasil acabaram não encontrando mais para quem oferecer as suas safras e sofrendo tremendos prejuízos.

Hoje a situação é outra, porque, devido à instalação de grandes fábricas de câmara de ar e pneumáticos, em São Paulo e no Rio, o Brasil se tornou, por sua vez, um grande consumidor de borracha. Desde 1951 importamos borracha para completar as necessidades das fábricas. E êste ano teremos de importar cêrca de 40.000 toneladas, porque a nossa produção anual não tem saído, nos últimos tempos, da casa das 23.000 toneladas.

E' preciso evitar o enorme gasto de divisas que estamos fazendo com essa importação, daí o empenho do Govêrno em proporcionar a assistência que lhe fôr possível aos que quiserem fazer plantações de seringueiras.

A emprêsa de plantar seringueira nas regiões brasileiras de solo e clima favoráveis, na Amazônia, no sul da Bahia, em certos trechos de São Paulo,, talvez em outras regiões, ainda, é das mais interesantes, não só porque os nossos técnicos já conhecem o que devem fazer para obter êxito, como pelo fato de que, já aos 7, 8 anos de idade uma seringueira pode começar a produzir "latex".

Algumas emprêsas e alguns particulares vêm se dedicando a esta atividade. Todavia, é indispensável fazer muito mais. Cálculos de um ano atrás indicaram que precisavamos plantar em 5 anos cêrca de 50 milhões de seringueiras para podermos ter borracha para o consumo previsto das nossa fábricas...

CONSTRUTORA
IBÉRICA LTDA.

ARQUITETURA, MÓVEIS
E
DECORAÇÕES DE INTERIORES

Rua 24 de Fevereiro, 39-A
Rio de Janeiro ☆ Estado da Guanabara

O COOPERATIVISMO ESCOLAR E PROLETARIADO

Helly Sylvia R. de Souza
(do Serv. de Econ. Rural)

É com satisfação que vemos aos poucos, surgirem os frutos de nossa campanha em pról do cooperativismo escolar no Estado da Guanabara.

Recentemente, fomos procurada por D. Jardelina Bastos, responsável pela Escola São Sebastião, da Favela de Parada de Lucas, que veio solicitar nossa orientação para organizar, naquela Escola de zona proletária, uma cooperativa escolar.

Dadas as instruções preliminares, seguimos uma terça-feira, de sol brilhante e quente, para a fundação da pequena e longínqua sociedade. Jamais nos ocorrera aceitação tão espontânea, tão entusiasta de 58 crianças faveladas de idades várias! Instalada a assembléia, no Grêmio Recreativo, observamos que, as mães dos alunos participavam daquele entusiasmo, concitando as que permaneciam ainda um pouco distanciadas da idéia de verem seus filhos "com responsabilidade de gente grande", "fazendo-se candidatos", como "qualquer vereador ou deputado", permitir-lhes o ingresso na cooperativa.

Quando da instalação dos trabalhos notamos, a princípio, um pouco de hesitação; as crianças estavam, naturalmente, ainda um tanto acanhadas mas, algumas palavras de D. Jardelina deixaram-nas mais à vontade... Que perguntassem à "moça do Ministério", que ali estava para esclarecer-lhes qualquer dúvida... Começaram as interrogações de início meio tímidas e, logo após, num clima de crescente cordialidade e confiança, iam os jovenzinhos sendo esclarecidos. Chegou, enfim, o momento culminante, o da escolha dos dirigentes da Cooperativa que, por decisão unânime, não foi pelo voto secreto, mas, por aclamação e, notem bem, sem desordem e alarido! Com que disciplina e com que base motivaram a razão de suas escolhas... O Presidente por que era o mais velho, o mais ponderado... O Secretário, aliás a Secretária, porque "tinha muito jeito para escrever"...; os gerentes, os mais populares e "despachados para negócios"... Um dêles, garôto escurinho, de dentes claros, sorridente e simpático, até blageou: — "Olhe, moça, eu me chamo Ademar, mas, não é por causa do nome que êles me escolheram não"...

Tendo-se empossado a Diretoria, houve o "discurso" do Presidente ao encerrar a sessão...

Minutos após reuniram-se pela primeira vez os dirigentes da entidade; tratariam de, em conjunto, redigir o comunicado que seria transmitido à tôda Favela do Serviço de autofalantes.

Sei que, brevemente, lá voltaremos para assistir à inauguração da lojinha da Cooperativa Escolar que será construída pelos próprios associados nas suas horas de folga. Finalizando estas notas, lembro aos descrentes da utilidade do cooperativismo escolar verificarem o alto valor educativo e não o assoberbamento de tarefas que traz a cooperação entre crianças. Verifiquem, também, o exemplo de crianças pobres, de vida difícil, mas que logo darão aos pais a compensação pelos sacrifícios que, continuadamente, fazem em verem os seus filhos com perspectivas de uma vida melhor...

Fazendo como eu... faras o certo!!!

111 ANOS DE EXPERIENCIA NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961

Sementes de Hortaliças
« » Flores
« » Forrageiras
« » Grama
Bulbos » Palmas

Importadora
L. Dachnfeldt Ltda.

Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 — 43-2183 — End. Telegráfico: DAEHNFELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

SERVIÇO SOCIAL RURAL

FALA O PRESIDENTE DA AUTARQUIA

Entrevista coletiva do Dr. Oswaldo de Souza Martins, presidente do C.N/SSR concedida à imprensa falada e escrita em 26-6-61.

— Não vamos ficar contemplando os graves problemas que afligem o trabalhador rural. Vamos enfrentá-los corajosamente com o objetivo de resolvê-los, para o que contamos com o apôio técnico e financeiro indispensável e com a aprovação do presidente Jânio Quadros — declarou hoje à imprensa o sr. Oswaldo de Souza Martins, presidente do Conselho Nacional do Serviço Social Rural.

Os jornalistas foram recebidos pelo sociólogo paulista, hoje elevado à presidência do S. S. R., para um primeiro contato durante o qual anunciou as principais linhas do plano que está elaborando e cuja execução dará efetiva existência à importante autarquia.

170 MIL SOCORRISTAS RURAIS

O Sr. Oswaldo de Souza Martins manifestou que está tendo o apôio do presidente da República e que vai, de imediato, atacar importante setor das atividades ruralistas — o da assistência social.

— É nosso objetivo — disse êle — preparar, em três anos, 170 mil socorristas rurais, sendo que até o fim dêste ano deverão estar operando dez mil. Sabemos que é elevado o índice de mortalidade infantil nos campos, devido especialmente à falta de assistência adequada às parturientes. Há quase completa ausência de assepsia, carecendo o trabalho das chamadas "aparadeiras" de qualquer rudimento técnico. Com isso, toma vulto espantoso o chamado "mal de 7 dias", a febre puerperal. Pois bem. Vamos ensinar, primeiramente, a essas "aparadeiras" como agir, dando-lhes não só noções de como fazer, como também o material básico necessário. Para facilitar essa grande emprêsa, vamos assinar convênios com hospitais, santas casas, maternidades, ambulatórios e tôdos os órgãos que se dediquem à prática da Medicina. Todos êsses organismos tomarão a seu cuidado o preparo das socorristas ruraos, livrando assim os meios rurais do país da alarmante cifra de mortalidade infantil.

DIFICULDADES

Continuou o presidente do Serviço Social Rural:

— Estamos perfeitamente conscientes da grandeza do problema que ora abordamos. Mas, como já disse, estamos preparados financeiramente e contamos com o máximo apôio do presidente Jânio Quadros. O Serviço Social Rural vai atuar eficazmente e realizar seus fins. Além dos convênios a que já nos referimos, vamos providenciar a breve instalação das Juntas Municipais, cuja atuação tornará exequível o nosso plano de ação, pois contarão com elementos técnicos mais ajustados às peculiaridades de cada região e assim poderão não só atuar, como fiscalizar a utilzação dos recursos humanos e materiais consideráveis que vamos empregar.

— A tarefa está repleta de dificuldades. Mas o planejamento que estamos elaborando, a preparação dos técnicos e a expansão dos nossos veículos de ação — os Conselhos Regionais e as Juntas Municipais — mostrarão que as finalidades do Serviço Social Rural não são simples promessa governamental, mas uma efetiva contribuição para a integração dos rurícolas na comunidade nacional. O problema, repito, é complexo e não pretendemos resolvê-lo de forma total e imediata. Iremos por etapas, elevando em consideração principalmente que pràticamente nada se fêz até hoje e que a enorme extensão territorial do nosso país exige o ajustamento das providências e soluções às peculiaridades de cada região.

— De qualquer forma — acentuou o presidente do SSR — enquanto estruturando racionalmente o Serviço Social Rural e tornando efetiva a sua presença em todo o país, atacaremos o problema das socorristas, por ser fundamental. Até fins de 1963, contamos ter em atividade mil delas. Não haverá mais "aparadeira" ignorante das modernas práticas de higiene. Não pensem que se trata de invenção minha. No Estado do Maranhão, já se faz isso em escala apreciável e com resultados dignos de registro.

ARTESANATO E COOPERATIVISMO

Referiu-se o Sr. Oswaldo de Souza Martins, em seguida, ao problema do artesanato. Disse que, nas viagens que realizou pelo País, especialmente pelo Nordeste, verificou, nos contatos mantidos com os Conselhos Regionais e presidentes das Federações e Associações Rurais, que o artesanato está perdendo seu sentido social. Está faltando o apôio do poder público. Não contam os artesãos com meios de trabalho, sendo obrigados a entregar o produto do seu esfôrço a preços vis.

— Entretanto — frisou o presidente do S.S.R. — o interêsse pelo artesanato permanece em alto nível. Todos comprendem o seu elevado sentido social, lutando para conservá-lo. Vamos, então, auxiliar essa corrente, evitando que tal atividade se debilite até, talvez, a extinção. A profissão, hoje não é rendosa, mas poderá vir a ser. Citarei, por exemplo, o caso das rendeiras do Norte e do Nor-

deste. Os preços obtidos na região são mínimos, incapazes de sustentar a atividade. Mas as belas e delicadas rendas alcançam, aqui no Sul, preços elevadíssimos. Faltam meios de defesa a êsses artesões. Aí entrará o Serviço Social Rural. Vamos levar aos artesãos a formação de cooperativas, facilitando-lhes os meios necessários. Assim arregimentados, terão compensado seu trabalho e se integrarão como grandes valores na comunidade rural.

RUMO AOS CAMPOS

— A entidade que dirijo foi criada para operar no campo. É no campo que devemos estar. É para lá que vamos seguir. Basta de atitude contemplativa. Vamos obedecer à palavra de ordem do Sr. Presidente da Republica, e dar ao rurícola tudo o que êle precisa — educação, saúde e meios de trabalho, como fatôres de sua perfeita integração na comunidade nacional.

S. S. R. E SUDENE

— Somos dos que acreditam na SUDENE. Estamos convencidos de que seus esforços no Nordeste tornarão mais exequível e eficiente a ação do Serviço Social Rural. Vamos, pois, estabelecer entrosamento com o sr. Celso Furtado, um dos mais legítimos valôres da atual geração de administradores do País, certos de que os dois órgãos autárquicos lograrão apressar a solução dos grandes e complexos problemas do nosso meio rural, unindo seus esforços numa ação decisiva.

Concluiu o Presidente do Serviço Social Rural:

— Desejo agradecer aos senhores jornalistas a oportunidade que me proporcionam de expor, em linhas gerais, o plano que vamos realizar. Para lograr o nosso intento, não podemos dispensar a colaboração e o apôio da imprensa em todos os seus setores de atividades — jornal, rádio, televisão e cinema. Todos juntos, alcançaremos nossos objetivos e assim corresponderemos ao apêlo que faz o Sr. Presidente da República de levar à comunidade rural os elementos de que ela precisa para sua maior integração na cida nacional.

MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1		RM - 2	
Contendo:	Boro Bromo Cácio Cobalto Cobre Ferro Fósforo Iodo Magnésio Manganês Molibdeno Niquel Zinco	Contendo:	Boro Bromo Cácio Cobalto Cobre Enxofre Ferro Fósforo Iodo Magnésio Manganês Niquel Zinco
Para:	*Aves — Suinos — Caninos — Carnivoros em geral.*	Para:	*Bovinos — Equinos Ovinos — Caprinos — Ruminantes em geral.*

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida: consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534 - 2.º - RIO DE JANEIRO, D. F.

AVICULTURA

COCCIDEOSE — O ETERNO PROBLEMA

Haroldo de Vasconcellos — Técnico do Projeto 42 e da Comissão Nacional de Avicultura

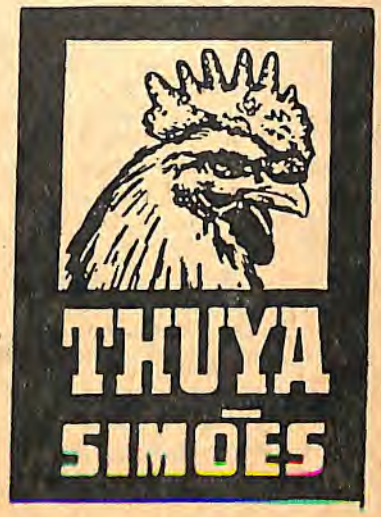
O aparecimento, nos últimos tempos, de surtos graves de coccideose em granjas de vários avicultores, alguns dêles bem tarimbados, veio alertar a todos da gravidade do problema.

Com o emprêgo em larga escala dos eficientes preventivos da coccidêose, chegou-se mesmo a dizer que a coccideose era doença do passado e que sòmente viria a sentir seus desastrosos efeitos o avicultor que não quisesse usar uma ração medicada.

Chegamos ao estado de excesso de confiança na ação protetora dos coccidiostáticos, com o relaxamento daquelas clássicas medidas sanitárias e de bom manejo que nunca, jamais, deveriam ter seu valor subestimado.

Os avicultores e técnicos, procurando explicar o reaparecimento de uma doença, já coisiderada do passado, aventaram a possibilidade, muito viável, de tudo ser decorrência da formação do hábito, da resistência do microrganismo ao medicamento. Passaram, então, a sugerir o rodízio dos coccidiostáticos, com a substituição de 3 em 3 meses, do preventivo usado na ração.

Pelo que tenho lido nas publicações americanas recentes, a mesma coisa anda acontecendo por lá. Dois artigos, em especial, chamaram a atenção para o problema(encarando-o de uma maneira muito prática e objetiva. Num dêles, o Dr. Cover, da Universidade de Delamare. (Nutrion Conference of 1959, University of Maryland) diz o seguinte:



Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou caroços) dos pintos e aves adultas

À venda à
RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos pelo reembolso postal

Senhor Avicultor:

Sòmente a vacinação **preventiva** pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já
VACINA NEWCASTLE RHODIA

1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.

2.º) Liofilisada (sêca).

3.º) De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).

4.º) Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO

Rhodia

A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUÁRIA

GRANJA COMARY

FAISÕES

Vendem-se para corte e reprodução

Teresópolis (Alto)

Tratar com o Sr. Rubem – Fone: 2725

"Com muita frequência os avicultores se esquecem de que a coccideose é uma doença relacionada com a falta de higiene O emprêgo extensivo de preventivos (coccidiostáticos) levou muitos avicultores a acreditarem que seu uso, de por si, era o bastante para combater essa doença. Se bem seja verdade que o uso de alguns produtos químicos reduzirá a possibildade da infecção clínica ocorrer num lote de aves, devemos reconhecer que êsses preventivos são apenas um auxiliar do trabalho do avicultor".

Continua o Dr. Cover, afirmando o seguinte:

"1 — Sòmente teremos coccideose com a ingestão de microrganismo pela ave. Desta forma, as condições do meio ambiente, especialmente da cama, desempenham o papel mais importante;

2 — Os coccídios (eimérias) apenas se multiplicam quando novamente ingeridos, por outra ave. Desta forma, sua

A MELHOR PARA A AVICULTURA

Moinho Fluminense S.A.
Fundado em 1887

RIO: RUA URUGUAIANA, 118 - LOJA - C. P. 1350 - TEL. 43-3906
S. PAULO: RUA BOA VISTA, 314 - 4.º - C. P. 260 - TEL. 33-3164
B. HORIZONTE: AV. DOS ANDRADAS, 841 - C. P. 143 - TEL. 2-2692
CAMPINAS: REP. MERCANTIL TREMARGO - R. DUQUE DE CAXIAS, 183

e na sua cidade, procure o nosso representante

Div. Ider 9-57

Kó-Kó-Ró-Kó

CORIZA

GOSMA

E

GOGO

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuários

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367

RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA

passagem através de várias aves é necessária para a manutenção de seu número;
3 — Os coccideos exigem uma temperatura e uma umidade determinada, quando fora do organismo das aves, para se tornarem infectantes;
4 — É necessária a ingestão de determinado número de coccídios para que tenhamos as manifestações da coccidiose".

Conclui o Dr. Cover dizendo:

"Nossas experiências recentes, realizada na primavera, verão e outono de 1958 deixaram claro que os coccidiostáticos sòzinhos absolutamente não conseguem controlar a doença. Muitas são as razões prováveis dêstes surtos recentes de coccidiose. Em primeiro lugar, não nos embalamos numa sensação de falsa segurança que os coccidiostáticos nos vieram proporcionar. Em segundo lugar, nos relaxamos nosso programa sanitário. Em terceiro lugar se recordamos como foi 1958 (calor, umidade etc.), veremos que foi um ano perfeito paracoccidiose, se considerarmos especialmente o estado em que ficaram as camas dos galinheiros. Um fator importante foi, ainda, a resistência aparente de certos coccídios aos coccidiostáticos que se estavam usando. Se tivéssemos prestado mais atenção às medidas sanitárias, muito teríamos contribuído para reduzir nossas perdas pela coccidiose. A coccidiose poderá ser controlada pelo homem e pela medicina. Se o avicultor cuidar do meio ambiente e reduzir ao máximo as possibilidades da infecção inicial, então os coccidiostáticos agirão melhor sôbre os poucos coccídios que restarem".

Num outro artigo que li, escrito pelos responsáveis pela Granja Hy-Line dos Estados Unidos, várias afirmativas muito interessantes foram feitas, muitas delas oportunissimas às nossas atuais condições avícolas:

1) "Usar ração medicada até a 24a. semana de idade;
2) Além disso, fazer tratamentos rotineiros de coccidiose, como se estivéssemos diante de um surto clínico de coccidiose na 4a., 8a., 12., 16a., 20a., e 24a. semanas.

3) Parece que, todos os tipos de Eimeria, a E. acervulina, é a responsável pelo maior número de surtos ocorridos nos Estados Unidos.

4) Vários são os coccidiostáticos quepoderão ser usados como preventivos, durante as 24 semanas. Os vários tratamentos rotineiros devem, porém ser feitos com a Sulfaquinoxalina na ração. Em nossa experiência, nenhum outro coccidiostático supera a SQ no tratamento da coccidiose.

5) Não encontramos, ainda, nenhuma relação entre o tratamento pela Sulfaquinoxalina e o aparecimento de condições hemorrágicas nas aves".

Além dêsses dois artigos mencionados, merecem destaque algumas recomendações de um dos fabricantes de coccidiostáticos nos Estados Unidos (Dr. Salsburg Laboratories):

1) A experiência demonstra que nem mesmo a ração melhor medicada dará os melhores resultados a menos que seja acompanhada de um cuidadoso manejo.

2) No caso especial dos coccidiostáticos, sua ação ficará grandemente prejudicada se as aves sofrerem qualquer forma de "stress".

3) O uso de um bom coccidiostáticos é apenas uma parte do bom manejo. Para obter os melhores resultados, deem também às suas aves um bom galinheiro, boa ração, boas medidas sanitárias e o melhor manejo possível.

A LAVOURA

a mais antiga revista agrícola em circulação no Brasil.

Previna-se contra as pragas do solo com

Aldrin

Aplique ALDRIN, antes do plantio, para prevenir-se contra as pragas do solo, pois quando estas atacam a lavoura, já não há mais tempo para qualquer contrôle eficiente. Além do seu alto poder inseticida, ALDRIN não comunica gôsto nem cheiro às culturas. ALDRIN pode ser adquirido sob forma de concentrado emulsionável, pó molhável e pós diluídos.

SHELL BRAZIL LIMITED

Rio de Janeiro: Praça Pio X, 15 - 7.º andar
São Paulo: Rua Conselheiro Nébias, 14 - 6.º andar
Pôrto Alegre: Rua Uruguai, 155 - 7.º andar
Recife: Rua do Imperador, 207 - 2.º andar

SHELL

Colheita do bananal

Cap. I

EXTRAÍDO DO LIVRO "CULTURA DA BANANEIRA", DE AUTORIA DE JOÃO FERREIRA DA CUNHA.

ÉPOCA DE COLHEITA — Atingindo o bananal a idade de produção depois de completado um ano e alguns meses mais, há sempre cachos no ponto de colheita em qualquer época que se procure. A bananeira produz em tôdas as estações do ano, porém a carga sofre variações máximas e mínimas, de conformidade com os peíodos de maior calor e chuvas, assim como no tempo de frio e sêca .

Durante o período das chuvas intensas, com temperatura mais elevada e atmosfera saturada de umidade, quando as condições são mais propícias para o desenvolvimento das bananeiras, observa-se que a carga do bananal é maior em quantidade de cachos, assim como êstes são também maiores quanto ao número de pencas e tamanho das frutas. O contrário se dá no periodo de estiagem e alguns meses após êste, pois as plantas que se desenvolvem durante a quadra desfavorável não podem apresentar colheitas boas, imediatamente após uma fase em que os fatôres de vegetação não foram adequados.

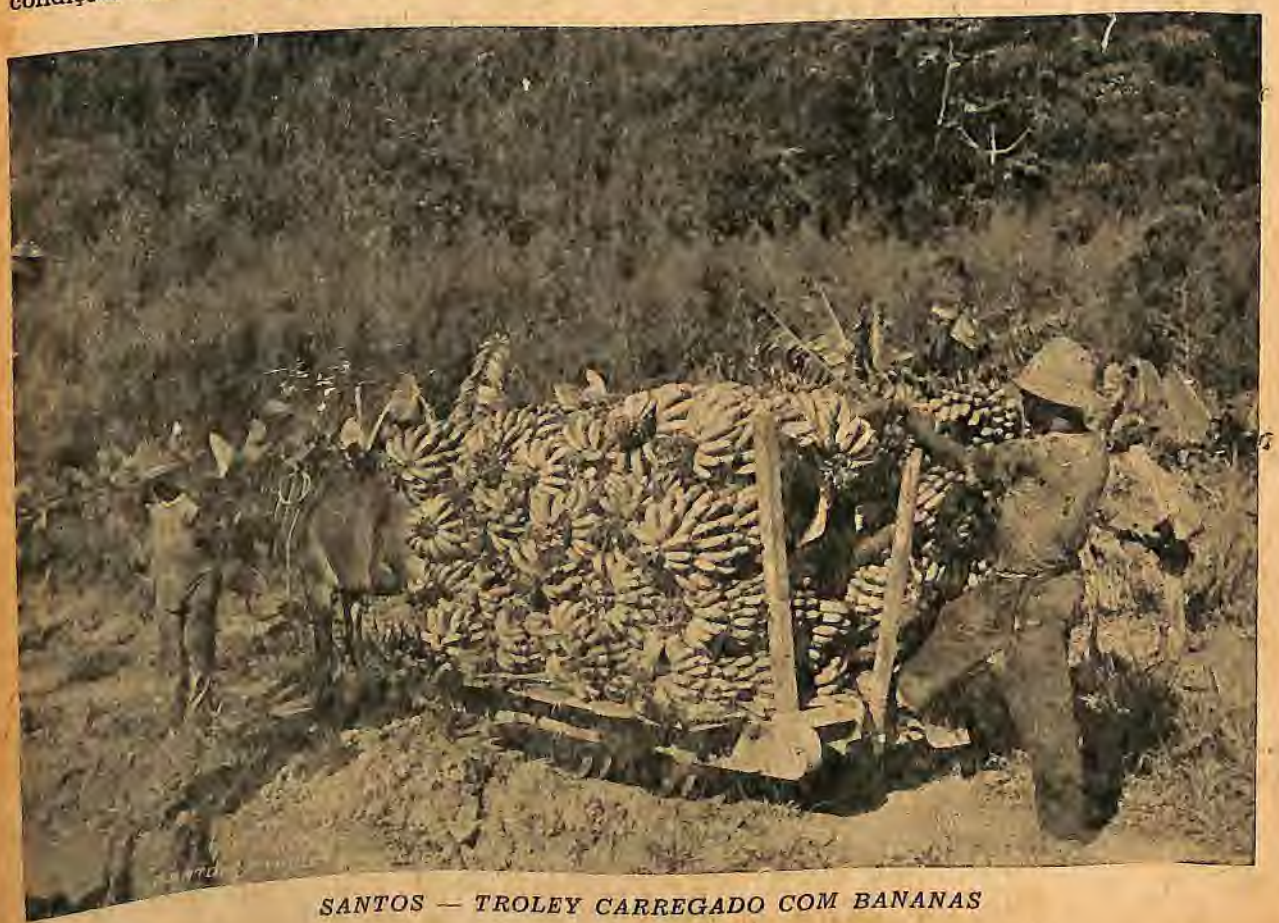
A época da colheita para bananas não é definida, como acontece com a maioria das frutas. As bananas podem ser colhidas em qualquer época do ano.

As colheitas ficam dependendo, quase que exclusivamente, das negociações comerciais para a colocação do produto.

PONTO DE COLHEITA — O ponto de colheita, ou o estado de desenvolvimento das frutas que os cachos devem ser colhidos, é determinado por dois fatôres: a) o número de dias necessário para que a fruta seja transportada do centro produtor ao consumidor; b) pela estação do ano.

De um modo geral, as bananas são colhidas tanto mais atrazadas em seu grande desenvolvimento, quanto maior fôr o tempo preciso para as transportar do bananal ao mercado consumidor e quanto mais quanto fôr a estação do ano.

Inversamente, quanto mais fria fôr a estação do ano e mais próximo o mercado consumidor do centro produtor, as bananas podem ser colhidas com



SANTOS — TROLEY CARREGADO COM BANANAS

um grau de maturação mais avançado.

Quanto ao grau de desenvolvimento ,as bananas são classificadas em: magras, 3/4 magras, 3/4, 3/4 cheias ou gordas e gordas.

Bananas "magras" são aquelas cujos cachos foram colhidos antes que as frutas tivessem atingido um estado de desenvolvimento normal. As bananas desse tipo geralmente não amadurecem ou, então, a sua maturação é muito tardia e imperfeita.

São designadas por 3/4 magras, as frutas cujo desenvolvimento é mais avançado do que o das magras. A sua maturação, se bem que seja morada, chega, entretanto, a se efetuar .

São chamadas 3/4 simplesmente as bananas um pouco mais desenvolvidas em grossura que as do tipo anterior. Em condições idênticas, a sua maturação é mais acelerada.

Concluindo, 3/4 gordas são mais grossas ou cheias do que as 3/4. A casca tem quinas menos vivas, porém sua côr continua verde forte.

Bananas "gordas são as bem desenvolvidas, grossas, cujas quinas já estão quase desaparecidas, arredondadas, e a côr da casca passa a ser verde-clara, desmaiada, combinando para a amarelada. Em poucos dias passam à côr amarela e completam a maturação.

As bananas são mais saborosas quando colhidas verdes para completar a maturação e guardadas em lugares apropriados. Os cachos colhidos com as bananas muito gordas já maduras não têm as frutas tão macias, doces e perfumadas que satisfaçam tão bem o paladar e ao olfato quanto as do tipo anterior.

Em geral, para os mercados locais ou internos, situados a poucos dias de viagem, são colhidas bananas 3/4 a 3/4 cheias.

Para os mercados sul-americanos (Argentina Uruguai), colhem-se bananas 3/4 até 3/4 magras durante o período de calor e 3/4 a 3/4 cheias durante o inverno.

Para os mercados europeus, são colhidos cachos 3/4 magros e 3/4. O grau da fruta precisa ser um pouco mais atrazado, pois grande é o número de dias despendidos na viagem até os centros de consumo.

(Continua)

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e pôlpa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc.. Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FATÔRES DE MAIOR RENDIMENTO

● Mesa de fácil alcance e grande alimentação. Moagem rápida, c a l h a aperfeiçoada ● Ventilador poderoso, coletor- ciclone ● Mancais de rolamentos especiais ● Material sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modêlos H - 10 - B e M. 14 - B

Polia de 9 cm (3½", 3.000 a 3.400 RPM.

Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A

Rio: Av. Venezuela, 27 - s/ 210 - Tel. 43-6329

B. Horizonte: Rua Tamoios, 924 - Tel. 3-8248

COLONIZAÇÃO BEM DIRIGIDA

O Sr. Edgard Teixeira Leite, Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira, iniciou a palestra com as seguintes palavras:

"Antes de começar a exibição da documentação com filmes e "slides", e que constitui a parte principal desta reunião, promovida pela Confederação Rural Brasileira e pela Sociedade Nacional de Agricultura, vale indicar alguns aspectos da mais alta relevância sôbre a obra que um grupo de brasileiros, com direção brasileira, com capitais brasileiros, de exclusiva iniciativa privada, através da Companhia Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda. (CONOMALI) está realizando no Estado de Mato Grosso. É, sem dúvida, um grande exemplo e uma significativa lição para governantes, economistas, sociólogos e para todos que se interessam pelo futuro do Brasil, tais as suas implicações, algumas delas, com problemas fundamentais da nossa Pátria.

Pimenta do Reino no primeiro ano

O primeiro é a contribuição para o enchimento, através de colonização organizada, da imensa área que é a interlândia brasileira, com imensos espaços geográficos baixamente povoados, ou mesmo inteiramente desertos.

Na verdade, a região em que a emprêsa CONOMALI exerce suas atividades, está situada nas nascentes do rio Arinos, formador do Juruena, afluente do Tapajó, que é um grandes cursos d'água que desaguam no Amazonas. Está situada, pois, em plena Hiléia Amazônica, que ocupa mais da metade da superfície do Brasil, com cêrca de cinco milhões de quilômetros quadrados, com limitada população de dois milhões e mil habitantes, com uma densidade de 0,44 habitantes por quilômetro quadrado, isto é, de **quarenta e sete quilômetros quadrados** para cada habitante.

É altamente valiosa, porisso, a lição que traz a CONOMALI para a solução dêste problema, que vale repetir, é dos maiores do país, isto é, a luta contra o seu vazio demográfico — que cada dia mais se agrava como problema político — quando nos defrontamos com um mundo com três bilhões de habitantes e onde, em outras regiões há imensos excedentes humanos, ávidos de terras, criando dificuldades, cujo remédio é indicado justamente a Amazônia, através de uma longa publicidade, em livros, jornais, revistas e em debates no seio da Organização das Nações Unidas.

Se é importante o simples povoamento, mais valioso ainda é o "povoamento", isto é, da "colonicação bem dirigida", de que vamos ter uma demonstração significativa através do documentação fotográfica que vamos assistir.

O homem na Gleba Arinos não está praticando uma economia predatória, derrubando a mata, destruindo áreas enormes pelo fogo, para realizar a lavoura durante alguns anos, até que a terra se

exgote, e depois, continuar para mais adeante, "fazedor de desertos", numa agricultura itinerante, de que tanto temos exemplos em todo o país.

Na CONOMALI, o homem, construiu sua casa, plantou lavoura permanente, procura estabelecer uma economia estável; enfim, se "fixou ao solo", mediante de uma emprêsa produtiva, que é o grande objetivo de tôda sadia política agronômica.

A CANOMALI dá, assim, um exemplo do que pode fazer a iniciativa provocada: abrindo em pleno deserto amazônico uma zona de povoamento organizado isto é de verdadeira colonização, em que o aspecto meramente financeiro, se realiza ao lado do atendimento dos aspectos humanos, no objetivo de praticar uma obra **permanente ,de civilização,** instalando-se numa região, que, há dez anos atrás, figurava nos mapas como desconhecida e inabitada", situada a quatrocentos quilômetros do mais próximo povoado (Diamantino), a seiscentos e cinquenta quilômetros de Cuiabá. Para tanto abre na floresta amazônica uma clareira de milhares de hectares, plantando mais de um milhão de seringueiras, efetua lavouras de café, que já atingem a 800.000 pés, de cacau, de arroz, de cereais, e de tanta outras plantas alimentícias e inicia a pecuária, constrói quatro escolas, um hospital, bem aparelhado, levanta três igrejas, para os diferentes credos religiosos de sua população, prepara quinhentos quilômetros de estradas carroçáveis, — distância bem maior que do Rio São Paulo — organizando comunicações, com o preparo de três campos de pouso, um dos quais já homologado pel Ministério de Aviação para aviões DC-3 e uma linha de navegação fluvial — isto é — fazendo da Gleba Arinos um centro de civilização a centenas de quilômetros da capital de Mato Grosso, em plena selva Amazônica.

E, no momento em que a Nação Brasileira, realiza o tremendo esfôrço da mudança da sua capital para o interior desocupado da nossa pátria, n'uma afirmação do que desejamos, não apenas possuí-lo politicamente, mas de ocupá-lo definitivamente, levando a sua interlândia todos os recursos da civilização — a obra pioneira da CANOMALI, é uma demonstração da capacidade da iniciativa privada, dando uma excelente contribuição ao esfôrço oficia..

Seringueiras já enxertadas

Há ainda outro aspecto que precisa ser pôsto em evidência:

Quando tanto se debate, tanto se escreve e tanto se opina sôbre a Reforma Agrária, aí está um exemplo — e dos melhores da reforma agrária que o Brasil precisa — no sentido de promover acesso à terra, ao homem brasileiro, fixando-o

Bombas
HIDRÁÙLICAS
para
LAVOURA
INDÚSTRIA e
QUAISQUER FINS
Peçam orçamentos e questionários, sem compromisso.
à
HAUPT & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO HAUPT FUNDADA EM 1823
RUA TEÓFILO OTONI, 133
TELEFONE 23-2321
RIO DE JANEIRO

ao solo, mas de modo produtivo e permanente, não entregando-lhe apenas um lote de terra, e largando-o à sua própria sorte, sem assistência técnica e financeira.

Ainda também uma lição de extrema importância nos dá a CONOMALI.

Como sabeis é generalizada a crença, baseada em estudos e observações extremamente incompletos, realizados em limitadas áreas, e que se transformaram em sentença condenatória, irrecorrível, de que o solo da Amazônia é imprópria para uma agricultura rentável; que destruído pelo fogo ou pela lavoura, a camada de humus, acumulada pela floresta durante milênios, o solo se torna estéril, só permitindo minguadas lavouras.

Esta fama da esterilidade do solo da Amazônia, corre mundo, proclamada em livros escritos em várias línguas.

Ireis assistir, documentadamente um desmentido a tão falaz asseveração. É uma grande prova e uma grande lição que não deve ser esquecida.

Mais do que tudo isso, porém, é a obra dêste grupo de pioneiros gaúchos, é um exemplo — um esplêndido exemplo, de que o espírito das bandeiras que foi tão decisivo na formação territorial, política e ecnômica do "continente" brasileiro, se mantém vivo e adaptando-se às contingências criadas pela civilização se conserva nesta magnífica demonstração, que é também uma demonstração de confiança, no Brasil, que estamos construindo como uma lição escrita na terra, em plena Hiléia Amazônica, pelo esfôrço da iniciativa privada".

Avese speciais para consumo

Nem todas as aves dão carnes saborosas. A técnica moderna de criação e seleção fabrica "as raças especiais" de carnes mais apetitosas. Dai o formidável aumento de consumo de carnes de aves nos Estados Unidos, só possibilitado depois que os galinhames comuns foram substituídos pelas raças especializadas, como a **"New Hampshire"**, à a formação de plantéia para a produção de mestisos industriais.

PRODUÇÃO DE JUTA

Neste número, na seção "Reminiscências" tratamos de juta. A seguir, publicamos uma estatística completa da produção e do valor dessa fibra produzida no país, de 1944 *a* 1959.

1944	6.357	28.053
1945	6.357	29.597
1946	8.124	30.786
1947	6.317	25.023
1948	9.370	45.783
1949	13.110	61.157
1950	14.054	61.223
1951	22.322	114.015
1952	14.840	79.311
1953	20.821	121.573
1954	23.322	140.373
1955	24.466	158.777
1956	31.665	306.435
1957	32.929	331.908
1958	31.240	340.969
1959	32.284	466.329

AS SEMANAIS DA S. N. A.

Reunião de 14 de junho: da esquerda para a direita: Renato Xavier, Diretor do Centro Agrícola de Treinamento Cooperativo, em execução na E.H.W.B.; Ben-Hur Raposo, Alberto Ravache, Diretores Técnicos; Heitor Grillo, Sócio Titular; Luiz Marques Poliano, Secretário Geral; Luiz Simões Lopes, Presidente; Edgard Teixeira Leite e Kurt Repsold, Primeiro e Segundo Vice-Presidentes; Rafael Xavier, Primeiro Tesoureiro; Alves de Souza, Sócio Titular; Amaro Cavalcanti, Sócio e Diretor Tesoureiro da CRB; Eliezer Moreira, Sócio e Membro Suplente do Conselho Nacional do SSR. Na foto abaixo outro aspecto da reunião.

I ENCONTRO REGIONAL DO ABASTECIMENTO

CONCLUSÕES DO ENCONTRO DA REGIÃO LESTE MERIDIONAL, ABRANGENDO OS ESTADOS DO ESPÍRITO SANTO, RIO DE JANEIRO E GUANABARA, REFERENTE A PRODUÇÃO REGIONAL PARA O ABASTECIMENTO.

A Lavoura divulga hoje algumas das conclusões do I Encontro Regional do Abastecimento do qual participou a Sociedade Nacional de Agricultura pelo seu delegado Prof. Geraldo Goulart da Silveira.

II — PRODUÇÃO REGIONAL PARA O ABASTECIMENTO

II-a) EXTRATIVA VEGETAL

a.1 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais todo apôio ao reflorestamento regional, sendo, pelos órgãos aos quais está vinculado o referido programa, dinamizada a fiscalização, para evitar a devastaçãao das matas e incentivar o plantio sistemático de novas mudas.

II-b PRODUÇÃO AGRÍCOLA E PRODUTOS DERIVADOS

b.1 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais um programa de dinamização integrada dos Serviços de Engenharia Rural, a fim de racionalizar as culturas em que são recomendáveis a mecanização e à irrigação.

b.2 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais um programa integrado de diversificação agrícola, com especial ênfase às culturas de subsistência.

II-c) PRODUÇÃO — PECUÁRIA (CARNES, LEITE E DERIVADOS)

c.1 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais, através do Ministério e Secretarias de Agricultura, planejamento zootécnico integrado, objetivando a melhoria do rebanho, do seu estado sanitário, com emprêgo de medidas profiláticas, alimentação adequada e menos onerosa, introdução de campos de leguminosas e outros forragens, rutra daqui ao fim adubação e maior racionalização produtiva, inclusive com incentivos à criação de laboratórios especializados, e de campos de cooperação e de pesquisas entre o Poder Público e os Produtores e a ampliação dos quadros técnicos do Ministério e Secretaria da Agricultura.

c.2 — Solicitar ao Govêrno Federal financiamento oficial, destinado ao reaparelhamento do Entrepôsto de Leite de Niterói e à implantação do Entrepôsto de Leite de Campos, com instalações integradas com tôdas as fases, desde a recepção, tratamento, conservação frigorificada, engarrafamento ou embalagem e distribuição racionalizada, inclusive frotas de veículos.

c.3 — Tendo em vista o amparo à agropecuária e à criação de aves e pequenos animais, solicitar ao Govêrno Federal, através do Ministério da Indústria e Comércio, sejam destinados aos Produtores e Cooperativas de Produtores os trigo indispensável ao desenvolvimento de suas atividades, zelando o Poder Público pela mais pronta regularidade e ampliação dêsse mercado.

c.4 — Solicitar ao Govêrno Federal a criação de um Grupo de Trabalho para estudar no mais breve prazo, em todos os seus aspectos e profundidade, o problema da produção e abastecimento do leite, em tôdas as etapas tanto de produção, como de industrialização, distribuição, circulação, comercialização e consumo do leite e tôdos os seus derivados, propondo, a final, as soluções mais adequadas a tão amplo e fundamental sócio-econômico.

II-d) PRODUÇÃO — PESCA

d.1 — Solicitar ao Govêrno Federal que a pesca seja considerada indústria de base para efeito de financiamento pelo BNDE.

d.2 — Solicitar ao Govêrno Federal todo apôio ao CODEPE — Conselho do Desenvolvimento de Pesca, através da cooperação integrada de tôda a Administração Pública, dando êsse órgão especial ênfase aos seguintes aspectos:

— fixação dentro do mais breve prazo possível, da política econômica a ser seguida, no quadro de um planejamento global, do problema da pesca, do desenvolvimento da indústria de construção de barcos pesqueiros e das indústrias correlatas;

— levantamento imediato de tôda a costa brasileira para a fixação da Carta Pesqueira, de importância vital para o estudo definitivo das possibilidades econômicos industriais da Pesca no Brasil;

— mobilização de substancial reforço de todos os recursos em moeda nacional e estrangeira para atender ao Plano Nacional de Pesca;

— visando uma etapa inicial mínima de produção do peixado atual, nos próximos cinco anos, o estabelecimento de uma frota pesqueira de 80 a 100 barcos de grande e média tonelagem;

— Implantação de uma Rêde de Frigoríficos e Fábricas de Gêlo, nos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara, Bahia, Rio Grande do Norte, Maranhão, Ceará Pará, e Pernambuco, além de outros;

— destinação inicial mínima de recursos em em divisas da ordem de cem milhões de dolares, ou equivalente, para o financiamento, a médio e longo prazo, da construção de frigoríficos, compra e construção de barcos pesqueiros, distribuição de

— que o problema seja tratado sem burocracia e com a

mobilização de tôdas as entidades, emprêsas e especialistas que possam cooperar, com efetivo espírito público na defesa do bem comum;

— realização periódica de Congresso Nacional de Pesca, de largo alcance, dêles participando Delegações dos Govêrnos Estaduais e Municipais, com apôio decisivo do Govêrno Federal e com eficiente publicidade em tôrno do mesmo, contando ainda com representações estrangeiras que seriam convidadas nos diversos países pesqueiros, com a seguinte sugestão de Temário básico:

— Pesca Artenazal:
  - pescador individual
  - agrupamento de pescadores (colônias da Pesca, Federações e Confederação de Pescadores);
— Grande Pesca Industrial:
  - médio armador
  - grande armador;
— Tipos de Barcos:
  - pequeno
  - médio
  - grande;
— Construção e Ampliação dos Frigoríficos existente e sua localização em ordem de prioridade;
— Estudos Econômicos:
  - recursos financeiros
  - financiamento a médio e longo prazo;
— Estudos para a fixação de indústrias de Construção de Barcos Pesqueiros e correlatas;
— Tripulação de Barcos Pesqueiros:
  - brasileiros
  - brasileiros e estrangeiros (guarnições mistas)
— Indústria de Conserva de Pescado;
— Industrialização do Peixe:
  - empacotamento
  - distribuição
  - farinha de peixe
  - óleo de peixe
  - adubos
  - frigorificação;
— Certificados de Construção:
  - companhias de seguros
  - fiscalização na compra e construção de barcos;
— Edição de revistas especializada sôbre a pesca e indústrias pesqueiras;
— Propaganda de pescado para o aumento de consumo de pescado "per-capita", em razão direta do aumento da população;
— Reforma da legislação atual da pesca;
— Piscicultura — Pesca Interior:
  - rios interiores
  - lagos
  - açudes
  - lagôas;
— Cooperativas de Pesca — Produção;
  - nos portos pesqueiros e
— Escolas de Pesca — Localização:
  locais adequados
  - anexas Ys escolas de

Banco Agro Industrial e Mercantil

Soc. Cooperativa de Resp. Ltda.

CAPITAL INTEGRALIZADO ..... Cr$ 19.999.700,00

DEPÓSITOS ..... Cr$ 5.598.072,00

EMPRÉSTIMOS ..... Cr$ 20.072.093,40

Séde: Rua Barata Ribeiro, 639-D — Telefone 57-8835

Dep. Imobiliário: Rua Constante Ramos, 114 — Tel.: 57-6552

Presidente: JOÃO DA SILVA VALENTE FILHO

Gerente: RENATO DE CRASTO

aprendizes do marinheiro e da marinha mercante;
— Assistência Social aos Pescadores e suas Famílias:
- escolas primárias
- maternidade
- crêche
- vilas residenciais
- clubes esportivos
- cinemas e teatros
- cooperativas de consumo
- ambulatórios médicos e dentários.

d.3 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais, através do Ministério e das Secretarias da Agricultura, um programa integrado de exploração das lagoas do Estado do Rio e Estado da Guanabara pelas Cooperativas de pescadores profissionais e sociedade mista com financiamento através do Banco Nacional das Cooperativas e Banco do Estado, para pôr em prática o plano de piscicultura.

II.e) PRODUÇÃO — HORTIGRANJEIROS (BATATAS, LEGUMES, AVES OVOS, ETC.)

e.1 — Solicitar ao Govêrno Federal, através dos Bancos oficiais, facilidades creditícias para o pequeno agricultor, objetivando o incremento da produção de hortigranjeiros nas proximidades dos grandes centros de consumo da Região assegurada a defesa do produto, sua armazenagem e frigorificação adequadas, comercialização, garantia de preços mínimos e a criação de Postos Agrotécnicos nas zonas de produção.

e.2 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais a criação de um Grupo de Técnicos em Agrostologia e Rações Balanceadas, Economia Rural e Avicultura para incremento das pesquisas sôbre a produção de alimentos, de origem hortigranjeiras cujos resultados sejam secundados por uma ação efetiva dos serviços de fomento federais e estaduais, para produção dêsses alimentos, complementado pela ação dos órgãos de avicultura públicos ou privados.

e.3 — Solicitar ao Govêrno Federal, através do Ministério da Agricultura, o incentivo à criação de granjas, com o desenvolvimento de avicultura e horticultura, seleção de aves e assistência técnica financeira ao produtor.

e.4 — Solicitar ao Govêrno do Guanabara as necessárias providências para que, dentre, as áreas disponíveis, sejam selecionadas as especialmente distinadas à produção hortigranjeira, planejada e intensiva.

e.5 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais, através do Ministério e Secretarias da Agricultura, e Bancos oficiais, todo incentivo à constituição da Cooperativa Central dos Produtores Hortigranjeiros.

II-f) PRODUÇÃO — FRUTAS REGIONAIS E DERIVADOS

f.1 — Solicitar aos Govêrnos Federal e Estaduais, mediante convênio, através do Ministério e da Secretaria da Agricultura e Bancos oficiais, todo o incentivo à cultura regional da bananeira, com a orientação técnica e supervicionada, visando, especialmente, a sua adequada comercialização e industrialização.

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES. GRATUITAMENTE
CADAL
CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
Agentes exclusivo do Salitre do Chile para os Estados da Guanabra, do Rio e Espírito Santo
Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)
Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rêde interna

ASSOCIATIVISMO RURAL

Fundada a Associação Rural de Galia

Foi fundada em Julho, a Associação Rural de Galia, Estado de São Paulo, sendo então eleita e empossada a sua primeira diretoria, assim constituída:

Presidente: Celso Bonini
Vice-Presidente: João Franco
1.º Secretário: José Antônio Banau
2.º Secretário: Jorge Rezeto Andery
1.º Tesoureiro: José Cury Junior
2.º Tesoureiro: José Avato

Cooperativa de Cafeicultores

Com sede no município de Camboriú, foi fundada a 1a. Cooperativa de Cafeicultores de Santa Catarina com 500 associados.

Associações Rurais reconhecidas

Foram reconhecidas e registradas no serviço compente do Ministério da Agricultura, as seguintes Associações Rurais de Benedito Leite e de Una, Estado de Minas Gerais.

Cooperativa em Limoeiro do Norte

No Estado do Ceará foi fundada em junho, a Cooperativa Agricola Mista de Limoeiro do Norte sendo encolhido para presidí-la o Sr. Getulio Gonçalves Santiago.

Novas diretorias das Associações Rurais

Associação Rural de Timon — Presidente: Helio B. de Alburquerque;

Associação Rural de São Vicente Ferer — Presidente: Adauto Ferreira Santos

Associação Rural de Canoinhas — Presidente: Ewaldo Ziperer.

Presidente e Federações de Associações Rurais

Foram reeleitos presidentes de Federações de Associações Rurais o Sr. Odorico Ferreira de Souza (Federações das Associapões Rurais do Estado do Rio Grande do Norte) e o Sr. Euripedes Ferreira Lins (Federação das Associações Ruais do Estado de Amazonas).

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A.

Matriz: ITAJAÍ — Santa Catarina

Fundado em 23 de Fevereiro de 1935

Capital e Reservas: Cr$ 750.000.000,00

Agências no Estado da Guanabara:

Rua Visconde de Inhaúma, 134-C — Loja

Telefone: (23-4844 — (Rêde interna)
(23-0566 — Diretoria
(43-1112 — Sub-Gerência

Rua do Carmo, 66 — Telefone: 31-3844

Agências nos Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília (DF)

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

Problemas da Agricultura Brasileira

CONTRATO ENTRE A FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS E O DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS E.U.

Um contrato entre o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e a Fundação Getúlio Vargas, foi assinado pelo seu presidente, Dr. Luiz Simões Lopes, tendo por objetivo uma ampla investigação das condições econômicas da agricultura brasileira com vistas a projeções sôbre a forma global de alimentos no Brasil em 1965 e 1975. Do ponto de vista do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, esta investigação faz parte de um projeto mais amplo que engloba grande número de países e que servirá para orientar a própria política econômica norte americana no setor agrícola. Do ponto de vista da Fundação Getúlio Vargas a construção das projeções acima referidas vão significar estudo em profundidades quer a respeito de condições sócio-econômicas em áreas rurais, permitindo por conseguinte, que chegue ao final do trabalho com uma visão geral e quantitativa dos problemas da agricultura brasileira. Como representante do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos assinara o contrato o Sr. Ford M. Millan, Adido Agrícola da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil."

Assinatura do documento pelos representantes da FGV (Luiz Simões Lopes) e do DAEU (Sr. Ford M. Millan).

No grupo tendo após a assinatura do contrato FGV/DAEU; agradece o Dr. Eugenio Gudin

Esta é uma receita aprovada pela "Cozinha Royal" Prove o "Pão Irlandês" com Chá Tender Leaf

Uma especialidade irlandesa a seu alcance

PÃO IRLANDÊS COM PASSAS

INGREDIENTES :

- *1 colh. (sopa) de Fermento Sêco Fleischmann ou 2 tabletes de Fermento Fleischmann*
- *1/4 xíc. de batatas amassadas (cozidas sem casca)*
- *1 xíc. de água em que foram cozidas as batatas*
- *8 colh. (sopa) de açúcar*
- *4 xíc. de farinha de trigo*
- *1 colh. (chá) de sal*
- *2 ovos*
- *4 colh. (sopa) de manteiga ou banha*
- *2 xíc. de passas de uva*

Ponha o fermento em 1/2 xíc. de água morna. Deixe repousar 10 minutos. Mexa até dissolver. Junte as batatas, 2 colh. (sopa) de açúcar e 1 xíc. de farinha. Bata levemente. Cubra e deixe crescer até formar bôlhas. Mexa e junte o açúcar restante, o sal, e 1 xíc. de farinha. Bata de leve. Junte os ovos batidos, a manteiga e o restante da farinha. Polvilhe uma superfície com 1/2 xíc. de farinha. Coloque ali a massa e trabalhe-a até ficar lisa e soltar completamente da mesa. Dê à massa o feitio de bola. Coloque numa fôrma untada, cubra e deixe crescer até dobrar de tamanho. Sove a massa e divida-a em 4 partes iguais. Abra com o rôlo. Recheie cada uma com passas, e enrole como rocambole. Coloque-as a pouca distância uma da outra, 2 a 2, em fôrma alta, retangular, e deixe crescer até dobrarem de tamanho e ficarem unidas. Pincele com ôvo batido e asse em forno moderado durante 40 minutos.

FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN

GRÁTIS !

Peça à D. Maria Silveira, Caixa Postal 1179 - Depto. FS-3 - Rio de Janeiro, o folheto "Conselhos Úteis" sôbre o Fermento Sêco Fleischmann.

Mais um produto de qualidade da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

SAUDAÇÃO A UM COMPANHEIRO

Fábio Luz Filho

Embora não pertença aos quadros funcionais do B. N. C. C. minha presença na justa homenagem prestada a Valdiki Moura se justificou por vínculos de ordem histórica, cultural, afetiva e ideológica. Temos estreita afinidade de idéias; é longa e sincera nossa confraternização em dilatados anos de propaganda; fui um dos que participaram da elaboração do decreto-lei 5.893, embora vencido em muitos pontos, e, com José Arruda de Albuquerque, o primeiro e ilustre diretor do B. N. C. C., Valdiki Moura e outros, dei meu contingente de colaboração para que se tornasse realidade a Caixa de Crédito Cooperativo, hoje B. N. C. C.; meu filho é o Contador Geral dêsse Banco e há a minha condição de publicista. Parece-me que também minha atitude, com o Dr. Tertuliano Mitchell, então assistente-jurídico do S. E. R. e, mais tarde, consultor-jurídico do Ministério da Agricultura, minha atitude, no açodamento com que o movimento paulista sobretudo revogou o decreto-lei 5.893, ter salvo a disposições pertinentes à Caixa de Crédito Cooperativo constantes do decreto-lei 8.401, também me credencia para ter estado presente e dizer de minha satisfação em ver Valdiki Moura, isto é, um publicista de mérito inconteste, e técnico dos mais capazes, integrante dos quadros funcionais do B. N. C. C., ser alçado ao pôsto de diretor, fato que ocorre pela primeira vez na história dessa organização e poucas vêzes, ao parecer, tem sucedido em outras autarquias. Estão, assim, de parabens os dignos funcionários do B. N. C. C. como o movimento cooperativo brasileiro. Quebra-se, desta forma, uma tradição, que, talvez, de certos ângulos, se possa justificar e no geral constitui rotina na administração brasilelira, sendo mesmo, muita vez, inevitável pelas maranhas político-partidárias ou regionais, não devendo, porém, potergar os verdadeiros valores. A política tem suas exigências e seus cânones respeitáveis quando política no sentido de arte de direção correta dos negócios públicos através de colaboradores idôneos. Os políticos colocados no comando final não podem nem devem marginalizar os verdadeiros especialistas, sobretudo quando as tarefas são essencialmente técnicas, os assuntos especilizadíssimos. Há necessidade de uma temperilha de equilíbrio... Admite-se o critério político na escolha de pessoas capazes para a direção geral, mas nunca com o afastamento sistemático, como disse, daqueles técnicos ou colaboradores especializados que podem constituir ou constituem as molas vitais de qualquer emprêsa, sobretudo quando estatal e com atribuições específicas, de uma repercussão impar no conjunto da economia de um país, como são os órgãos creditícios, notadamente aquêles de crédito especializado. Cooperativismo é movimento respeitável de idéias, é método de organização seletiva que precisa de preparação especial, de um corpo adequado de colaboradores no sentido técnico e no sentido moral, de vez que há necessidade, no campo cooperativo sul-americano, de um indermido apostolizar, de uma aculturação, vamos dizer, constante de um trabalho educativo sem desfalências, de uma mística, enfim, e na própria Argentina, como me acaba de fazer sentir **Del Giudica**, o culto e dinâmico publicista que preside aos destinos de "Ediciones Intercoop" (que acaba de lançar em Buenos Aires o meu livro "**El cooperativismo y el Estado**", em "Cuadernos de

Snrs. Prefeitos

Tornem suas cidades mais belas e mais atraentes, servindo-se do nosso grande estoque de plantas ornamentais para os mais variados fins

Há cêrca de mais de MEIO SÉCULO nossa firma

Vem fornecendo BOAS MUDAS de plantas frutíferas e ornamentais

CONSULTAS SEM COMPROMISSO

CATALOGOS E FOLHETOS GRÁTIS

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra — Caixa Postal 48

LIMEIRA — Estado de São Paulo

Para maior comodidade dos srs. interessados, atendemos também nos seguintes locais: PÔSTO DE VENDAS N.º 1 — situado no Km. 149 da Via Anhangüera, nas proximidades de Limeira e no PÔSTO DE VENDAS N.º 2, próximo à lagoa do Taquaral, no local onde inicia a estrada para Mogi-Mirim, em Campinas

"I. P. E. C."

Irmãos Peixoto

ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA.

Por Empreitada ou Administração

INCORPORA E VENDE

Avenida Pres. Antônio Carlos. 615

7.o and., gr. 705 — Tel. 22-2323

RIO DE JANEIRO

Cultura Cooperativa", ótima coleção rigorosamente selecionada, de grande divulgação na América do Sul), se na Argentina, nem cinco por cento das cooperativas se interessam pelas edições acima, logo pelo aspecto cultural do movimento, pela transcedência de sua filosofia, imagine-se o que será no Brasil. A Argentina possui, como todos sabem, um movimento mais sólido e de maior teor ortodoxo, embora cá e lá más fadas existam...

Há ainda mais, para que não pensem que carrego nas côres: lancei em 1959, por São Paulo, meu livro **"Crédito Agrícola e Problema Agrário"** (hoje quase esgotado). os editôres, como era natural, enviaram-no, pelo reembôlso postal, a numerosas cooperativistas, tendo acontecido esta coisa surpreendente: nada menos de 111 cooperativistas devolveram o livro, alegando que o assunto não lhes interessava, sendo que nesse número estavam muitas cooperativas de crédito e a própria Agência do Banco Nacional de Crédito Cooperativo em São Paulo: O livro, sem falsa modéstia, de mais de 300 páginas em grande formato e ótima apresentação/gráfica, contém capítulos enormes sôbre o que são os princípios normativos da doutrina cooperativa, as caracteríscticas técnicas do crédito agrícola em geral, sua teoría e sua prática no mundo e no Brasil; os vários aspectos de crédito agrícola cooperativo e do crédito orientado e supervisionado, e seu caráter decisivo de um dos fatôres da reforma agrária, que focalizo no mundo e no Brasil, e aceno para as soluções convinháveis. Foi um livro que suscitou pronunciamentos favoráveis dos mais incisivos, de economistas brasileiros e estrangeiros, e da crítica jornalística. Pois, de 111 presidentes de coperativas brasileiras pareceu um muxôxo de desprêzo...

Assim sendo, quando se vê um técnico do valor de **Valdiki Moura** ser alçado ao alto pôsto de diretor do B. N. C. C., para sentar-se ao lado de três ilustres diretores militantes do movimento cooperativo brasileiro, como que sentimos que alguma coisa está mudando e que essa nova orientação só poderá ser benéfica para o nosso movimento, capaz de criar uma outra mentalidade e abrir horizontes educativos à massa cooperadora brasileira adjutorando os órgãos federal e estaduais de cooperativismo, sempre baldos de verbas e elementos humanos, massa ingente cruzada de esclarecimento, que já tarda. Em trinta e cinco anos de intenso labor teórico e prático, fiz como publicista e como funcionário, o que me era possível e até o impossível para êsse esclarecimento, com sacrifício de minha própria saúde e postergação de interêsses materiais, pois já me encontro aposentado e sem ter um teto próprio sob o qual albergar a minha velhice.

Assim, a nomeação de **Valdiki Moura** para diretor do B. N. C. C., ao lado de operoso e dignos militantes, conforta-me e me faz confiante, certo de que a cruzada continuará em boas mãos e o aspecto cultural do movimento será devidamente considerado como um fator decisivo no campo do próprio crédito especializado, como de há muito já o compreendeu o Banco Nacional de Costa Rica, dentre outros.

(Conclusão da pág. 12)

em lugares que, em certos casos, ficam a mais de quatrocentos quilômetros de distância do Rio. Mas não é essa a solução completa. O que é preciso fazer, sobretudo, é selecionar o gado, para ter apenas vacas de boa produção. E ter também boas pastagens e rações, sem o que nenhum rebanho, por melhor que seja, produzir; de acôrdo com as aptidões leiteiras.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ESCOLA DE HORTICULTURA "WENCESLÁO BELLO" REFERENTE AO ANO LETIVO DE 1960

(APRESENTADO AO PRESIDENTE DA SNA PELO PROFESSÔR GERALDO GOULART DA SILVEIRA, DIRETOR DA EHWB)

I — Generalidades

Foram auspiciosas e do mais elevado alcance as atividades referentes ao ensino, desenvolvidas na Escola de Hortcultura "Wenceslão Bello", durante o ano de 1960.

Mantida na Penha, Estado da Guanabara, pela Sociedade Nacional de Agricultura, contou o tradicional estabelecimento de ensino profissional agrícola, com a colaboração, através de acôrdos e convênios, das seguintes entidades, tôdas elas de elevado conceito no país:

a) *Serviço Social Rural*, por intermédio do Conselho Regional do Estado da Guanabara (Resolução n. 155 CN, Acôrdo CR-GB — SNA).

b) *Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos* (ETA), através do Projeto n. 38 ETA-SNA.

c) *Comissão Brasileira de Assistência Educativa às Populações Rurais* (C.B.A.R.), através do Projeto CBAR, P-23.

Com a soma de esforços e de recursos proporcionados pelo regime de trabalho em colaboração, vem a Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" realizando um eficiente e oportuno programa de atividades no setor do ensino profissional agrícola, digno de ser destacado.

Foram os seguintes os cursos ministrados na Escola, em 1960:

1 — *Cursos sob regime de internato*:

a) — *Cursos Profissionais*, abrangendo os Cursos de Hortelão, de Fruticultor e de Floricultor, com a duração de dois anos.

b) — *Curso Prévio*, com a duração de quatro meses e destinado a consolidar os conhecimentos de nível primário dos alunos candidatos à matrícula no 1.º ano dos cursos profissionais.

c) — *Curso Especial de Auxiliares de Comunidades Rurais*, inicado em 1959 e concludo em 1960, com a duração de quatro meses, e destinado ao aperfeiçoamento de alunos concluintes dos Cursos Profissionais da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" para que os mesmos se capacitem para os trabalhos que o CR-GB do SSR está realizando na zona rural do Estado da Guanabara.

2 — *Cursos sob regime de externato*

Cursos Práticos Agrícolas, funcionando aos sábados (período da tarde) e domingos (período da manhã), com a duração de vinte e quatro aulas e versando sôbre os mais diversos assuntos de interêsse agrícola.

Releva salientar que todos os cursos quer os ministrados sob regime de internato, quer os sob de externato, foram inteiramente gratuitos.

O movimento global de matrículas na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", foi, em 1960, de *oitocentos e trinta e nove* matrículas, assim distribuidas:

Cursos Práticos Agrícolas: ..	731	matrículas
Cursos Profissionais (1.º e 2.º anos)	46	"
Curso Prévio (2)	43	"
Curso Especial (1)	19	"
T O T A L	839	matrículas

O número total de cursos realizados em 1960 foi *cincoenta e um*, assim discrminados:

Cursos Profissionais	3
Cursos Práticos Agrícolas	45
Cursos Especiais	1
Curso Prévio	2
	51

Quanto ao regime de funcionamento, *quarenta e cinco* (45) cursos funcionaram sob regime de externato e *seis* (6), sob o regime de internato.

II — Curso Prévio

A implantação do Curso Prévio na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", velho anseio da direção do estabelecimento, só foi possível graças ao convênio estabelecido entre o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara e a Sociedade Nacional de Agricultura.

A realização do *Curso Prévio*, veio resolver dois problemas que sempre preocupam a administração da Escola:

a — elevação do nível de preparo dos alunos dos Cursos Profissionais, com a matrícula, no 1.º ano, de candidatos mais capazes, preparados e selecionados no Curso Prévio e, justamente, consolidar os conhecimentos gerais, dos que concluam, na zona rural, o curso primário;

b) — manutenção das atividades de ensino durante todo o ano, pois o Curso Prévio funcina, com êsse fim, no período de férias dos Cursos Profissionais (20 de novembrò de um ano a 20 de março do ano seguinte).

No *Curso Prévio* iniciado em 20 de novambro de 1959, matricularam-se *vinte e cinco* (25) alunos, assim distribuídos:

a — de acôrdo com a procedência:

Est. da Guanabara	10	alunos
" do Espírito Santo	7	"
" de Minas Gerais	6	"
" do Rio de Janeiro	1	"
" do Piauí	1	"

b — de acôrdo com as idades:

15 anos	11	"
16 anos	6	"
17 anos	5	"
18 anos	1	"
22 anos	1	"
23 anos	1	"

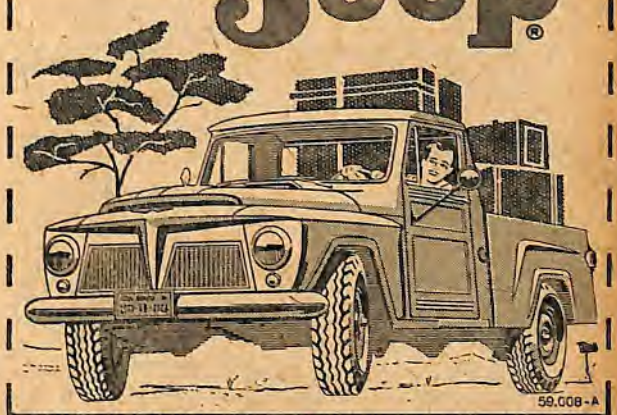
E' a seguinte a relação dos alunos matriculados no Curso Prévio iniciado em 20 de novembro de 1959 e terminado em 20 de março de 1960.

Antonio Gastão Barbosa
Arno Pautz
Celso Antonio Barbosa
Edmundo Felix de Souza
Erasmo Berger
Flávio Neves
Humberto Lírio Farneze
Ildefonso Augusto de Oliveira
José Sanclér Corrêa
Jordão Rodrigues Pereira
Laurindo Alves de Azevedo
Marcos Humberto de Oliveira
Sebastião Xavier Barbosa
Sérgio Borges
Antonio Cortêze
Aroldo de Souza Santos
Augusto Cesar de Freitas
Herbert Kuster
Jurandir Julião Rispoli
Jorge Duarte da Silva
José Afonso Ribamar Osório Lopes
Alcimar da Silva Ramos
Alvim Barbosa Monteiro
Hamilton Burato
José da Conceição.

Nos exames realizados, foram aprovados, e, consequentemente, considerados aptos para matrícula no 1.º ano dos Cursos Profissionais, os seguintes *dezenove* (19) alunos, dos *vinte e cinco* (25) matriculados:

Antonio Gastão Barbosa
Celso Antonio Barbosa
Edmundo Felix de Souza
Erasmo Berger
Ildefonso Augusto de Oliveira
José Sanclér Pereira
Jordão Rodrigues Pereira
Laurindo Alves de Azevedo
Marcos Humberto de Oliveira
Sebastião Xavier Barbosa
Sérgio Borges
Antonio Cortêse
Aroldo de Souza Santos
Herbert Kuster

ADQUIRA AGORA O SEU
PICK-UP Jeep®



DA GASTAL
PARA TER GARANTIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE E PEÇAS WILLYS GENUINAS PARA TÔDA A VIDA, ALÉM DESTAS EXCEPCIONAIS FACILIDADES DE COMPRA:
PEQUENA ENTRADA E O RESTANTE A LONGO PRAZO
■ TRAÇÃO NAS 4 RODAS ■ CABINE CONFORTÁVEL, PARA 3 PESSÔAS ■ CHASSIS REFORÇADO, C/5 TRAVESSAS ■ CARROÇARIA DE AÇO ■ GRANDE CAPACIDADE DE CARGA.
Venha hoje mesmo à
GASTAL S.A.
Av. Brasil, 2298
Rua Voluntários da Pátria, 48

Jurandir Julião Rispoli
Jorge Duarte da Silva
José Afonso Ribamar Osório Lopes
Ajj.mar da Silva Ramos
Alvim Barbosa Monteiro
Hamilton Burato
José da Conceição.

No curso Prévio iniciado em 1960 (terminará em 20 de março de 1961), estavam matriculados até dezembro, *dezoito* (18) assim distribuidos:

a — de acôrdo com a procedência:
Estado da Guanabara ..... 15 alunos
Estado do Piaui ..... 3 "
b — de acôrdo com as idades:
15 anos ..... 15 alunos
16 anos ..... 11 "
17 anos ..... 1 "
19 anos ..... 1 "

E' a seguinte a relação dos alunos matriculados no Curso Prévio que terminará em março de 1961:

Eriberto José do Nascimento
Gleidston da Silva Leitão
Hildemburg de Oliveira Franco
Ivan Figueiredo Vieira
Ivo Gonçalves de Amorim
Jorge de Oliveira
José Corrêa da Silva
José Lopes de Souza
Luiz Carlos Costa Alves
Manoel Guimarães de Oliveira
Sidnei Nascimento Gomes
Antonio Ricardo de Carvalho
José de Araujo Netto
Francisco Carvalho Chaves
Mauri Dias de Lima
Umberto de Freitas
Paulo César Batista
Luciano Berger

Nêsse último curso, em virtude do estabelecido pelo Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, foram oferecidas *doze* (12) matrículas a filhos de lavradores que tenham cursado escola primária rural do Estado da Guanabara, através do Distrito de Educação Rural, a quem coube a seleção dos candidatos.

Foram os seguintes os alunos selecionados pelo Distrito de Educação Rural do Estado da Guanabara:

Eriberto José do Nascimento
Gleidston da Silva Leitão
Hilmdebrugo de Oliveira Franco
Ivo Gonçalves de Amorim
Sidnei Nascimento Gomes
Ivan Figueiredo Vieira
Luiz Carlos Costa Alves
José Corrêa da Silva
José Lopes de Souza
Manoel Guimarães Gomes
Jorge de Oliveira

Como uma maneira mais perfeita de entrosamento entre o associativismo rural e o Serviço Social Rural, os candidatos à matrícula no Curso Prévio quando provenientes de zona rural do Estado da Guanabara são, de preferência encaminhados à Escola para efeito de matrícula, por intermédio das Associações Rurais.

Com isso consegue-se:

a — fortalecer o associativismo rural, dando uma posição de destaque às associações Rurais no encaminhamento dos jovens da zona rural para um estabelecimento de ensino profissional agrícola;
b — fazer sentir ao ruricola a presença do Serviço Social Rural que procurava através do ensino profissional, orientar para as lides agrícolas, os filhos de lavradores.

Em resumo, foi o seguinte o movimento de matrículas no referido curso:

Curso Prévio	Matriculados	Aprovados
Iniciados em .. 1959 e concluidos em 1960 ...	25	19
Iniciado em ... 1960	18	—

III — Cursos Profissionais

Em 1960, atingiu a quarenta e seis (46), o número de matrículas nos Cursos Profissionais de Hortelão, Fruticultura e Fluoricultor, provenientes de zona rural da Guanabara e de outros Estados da Federação, assim distribuidos nos dois anos que abrangem os cursos:

1.º ano ..... 32 alunos
2.º ano ..... 14 "
T O T A L ..... 46 "

Foi a seguinte a distribuição dos alunos nos referidos cursos, em 1960, de acôrdo com a procedência:

Estados	N.º de alunos		Totais
	1.º ano	2.º ano	
Minas Gerais .	8	3	11
Guanabara ...	12	5	17
Est. do Rio ..	6	3	9
Espírito Santo .	5	1	6
Piauí	1	—	1
R. G. do Sul ..	—	1	1
Goiás	—	1	1
Totais	32	14	46

De acôrdo com as respectivas idades, foi a seguinte a distribuição dos alunos:

Idades	N.º de alunos		Totais
	1.º ano	2.º ano	
15 anos	12	1	13
16 anos	1	1	13
17 anos	7	8	15
18 anos	2	1	3
19 anos	2	1	3
20 anos	1	1	2
21 anos	—	—	—
22 anos	—	—	—
23 anos	1	—	1
Totais	32	14	46

Matricularam-se na 1.ª série dos Cursos Profissionais, em 1960, os seguintes alunos:

Antonio Gastão Barbosa
Ahyr Delicio Hozer
Alcimar da Silva Ramos
Alvim Barbosa Monteiro
Antonio Cortêze
Aureswaldir Larrubia da Silva
Aroldo de Souza Santos
Augusto César Freitas
Alberto Carlos Corrêa da Silva
Celso Antonio Barbosa
Carlos Alves de Souza
Edmundo Felix de Souza
Erasmo Berger
Geraldo Gonçalves Barbosa
Hamilton Burato
Herbert Kuster
Humberto Lírio Farneze
Ildefonso Augusto de Oliveira
Ivan Fernandes Ramôa
Jorge Duarte da Silva
José Afonso Ribamar Osório Lopes
José da Conceição
José Sanclér Corrêa
Jordão Rodrigues Pereira
Jurandir Julião Rispoli
José Leoni Bastos Filho
José Roberto Spitz
Laurindo Alves de Azevedo
Marcos Humberto de Oliveira
Pedro Ivo Batista
Sérgio Borges
Sebastião Xavier Barbosa

Matricularam-se na 2.ª série dos Cursos Profissionais, em 1960, os seguintes alunos:

Carlos Garcia Simas
Dorival Maciel da Rosa
Edgard Jesus dos Santos
Enio Paixão
Jacy da Silva
José Nery de Souza
José do Carmo Dolavale
João Geraldo Batista
Joel Santos de Souza
Jorge Santos de Souza
Olyntho Silva Nogueira
Ovídio Borger
Olegário de Araújo Mendes

Foi o seguinte, em 1960, o movimento dos exames dos Cursos Profissionais:

NÚMERO DE ALUNOS

	Matriculados	Aprovados submetidos a exame	Aprovados	Para 2.ª época
Primeira série	32	16	8	8
Segunda série	14	13	13	0
Totais	46	29	21	8

Foram promovidos, em 1960, da 1.ª série para a 2.ª série dos Cursos Profissionais, os seguintes alunos:—

Ahyr Delicio Mozer
Alcimar da Silva Esmos
Aroldo de Souza Santos
Erasmo Berger
Geraldo Gonçalves Barbosa
Herbert Kuster
José Sanclér Corrêa
José Roberto Spitz

Ficaram dependentes de exame de 2.ª época para promoção à segunda série dos Cursos Profissionais, os seguintes alunos:—

Alvin Barbosa Monteiro
Hamilton Burato
José Afonso Ribamar Osório Lopes
Jordão Rodrigues Pereira
Jurandir Julião Rispoli
José Leoni Bastos Filho
Pedro Ivo Batista
Sérgio Borges

Concluíram os Cursos Profissionais em 1960, os seguintes alunos:—

Carlos Garcia Simas
Dorival Maciel da Rosa
Edgard Jesus dos Santos

Enio Paixão
Geraldo Xavier Barbosa
Jacy da Silva
José Nery de Souza
José do Carmo Dolavale
Joao Geraldo Batista
Joel Santos de Souza
Jorge Santos de Souza
Olynho Silva Nogueira
Ovidio Berger
Olegario de Araújo Mendes

No dia 22 de novembro, às dezesseis horas, no auditório da Escola, teve lugar a solenidade de formatura dos alunos concluintes dos Cursos Profissionais no auditório da Escola, com o comparecimento do Dr. Luiz Guimarães Júnior, representante do Ministério da Agricultura, Dr. Jalmirez Guimarães Gomes, representante da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura, Dr. Kurt Repsold, Presidente do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, Flávio Brito, representante da Cooperativa Agrícola de Cotia, Professôra Irene de Melo Carvalho, Diretora do Departamento de Ensino da Fundação Getúlio Vargas, Diretores da Sociedade Nacional de Agricultura, Professôres da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", pais e parentes dos diplomandos.

A turma, que teve como paraninfo o Dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da S.N.A., prestou as seguintes homenagens:—

Homenagens Especiais.
Dr. Kurt Repsold — Presidente do CR/Gb do S.S.R.
Dr. Luiz Marques Poliano — Secretário Geral da S.N.A.

Homenagens Póstumas —
Prof. Arthur Torres Filho
Prof. Cynéas Lima Guimarães

Homenagens da turma.
Diretor da Escola: Prof. Geraldo Goulart da Silveira
Professôres:
Dario Sampaio Cruz
Hélio Rapôso
Jalmirez Guimarães Gomes
Ney Brandão
Pedro Pais de Barros
Subael Magalhães da Silva
Pedro Goulart da Silveira Filho
Agrícola Castelo Borges

Assistentes de ensino.
João Nunes Castello
André da Silva Neto

Foi orador da turma, o concluinte Jorge Santos de Souza.

No mesmo dia, com a presença das autoridades acima foi prestado pela administração, pelo corpo decente e pelo corpo discente uma justa homenagem ao Dr. Cynéas Lima Guimarães, ex-Diretor do estabelecimento, já falecido, com a inauguração, na Sala de Reuniões dos Professôres, de seu retrato. Falaram na ocasião, em nome dos alunos, o concluinte Carlos Garcia Simas e em nome da Administração, o Professor Geraldo Goulart da Silveira.

IV Cursos Práticos Agrícolas.

Foram administrados na Escola de Horticultura "Wenceslau Bello", em 1960, *quarenta e cinco Cursos Práticos Agrícolas* distribuidos em três séries, cada uma delas com *quinze cursos* assim distribuidos:

a — primeira série, no período de Abril: Junho
b — segunda série, no período de Junho: Setembro
c — terceira série, no período de Setembro: Dezembro.

Nos referidos cursos matricularam-se *setecentos e trinta e um* (731) alunos, dos quais seiscentos e setenta e quatro (674) do sexo masculino e *cinquenta e sete* (57) do sexo feminino, assim distribuidos:

Entidade	n.º de cursos	masculinos	femininos	total
CBAR	21	359	35	394
SSR	23	292	22	314
ETA	1	23	0	23
Totais	45	674	57	731

Foi a seguinte a distribuição dos cursos na primeira série dos Cursos Práticos Agrícolas de 1960:

Entidades	Cursos Práticos Agrícolas
CBAR (9 cursos)	Botânica Agrícola Alimentação de Pequenos Animais Domésticos Organização de Pomares Administração de Propriedades Rurais Floricultura Enxertia Hortas Domésticas Solos e Adubação Máquinas de Defesa Sanitária Vegetal

(6 cursos)	Organização de Sementeiras e Viveiros
SSR	Reflorestamento
	Cooperativismo Rural
	Cultura de Raízes e Tubérculos
	Contabilidade Agrícola
	Inseticidas e Fungicidas

Na segunda série de Cursos Práticos Agrícolas, ministrados no período de Junho a Setembro de 1960 foram ministrados os seguintes cursos:

Entidades	Cursos Práticos Agrícolas
CBAR	Criação de Porcos
(9 cursos)	Cultura de Solanáceas Hortícolas
	Restauração de Pomares
	Defesa de Recursos Naturais
	Contabilidade Agrícola
	Zoologia Agrícola
	Multiplicação Vegetal
	Solos e Adubação
	Doenças e Pragas de Hortas e Pomares
SSR	Combate às Ervas Daninhas
(6 cursos)	Cálculos e Medidas Agrárias
	Conservação do Sólo
	Instalação Rurais
	Cultura de Hortaliças Foliáceas
	Cooperativismo Rural

Foi a seguinte a distribuição dos alunos na Terceira Série dos Cursos Práticos Agrícolas ministrados no período de Setembro a Dezembro de 1960.

Entidades	Cursos
CBAR	Cultura de Citrus
(3 cursos)	Enxertia
	Organização de Pomares
ETA	Animais Nocivos
(1 cursos)	
SSR	
(11 cursos)	
	Preparo e Plantio de Essências Florestais
	Cultura de Hortaliças de Verão
	Preparo e Aplicação de Inseticidas e Fungicidas
	Contabilidade Agrícola
	Administração de Propriedades Rurais
	Cooperativismo Rural
	Criação de Porcos
	Criação de Abelhas
	Conservação do Sólo
	Solos e Adubação
	Doenças e Pragas de Hortas e Pomares

Em resumo, foi a seguinte a distribuição dos *quarenta e cinco Cursos Práticos Agrícolas*.

Série de cursos	Número de cursos			
	CBAR	SSR	ETA	Totais
1.ª Série	9	6	0	15
2.ª Série	9	6	0	15
3.ª Série	3	11	1	15
Totais	21	23	1	45

O movimento dos exames referentes aos cursos acima foi o seguinte:

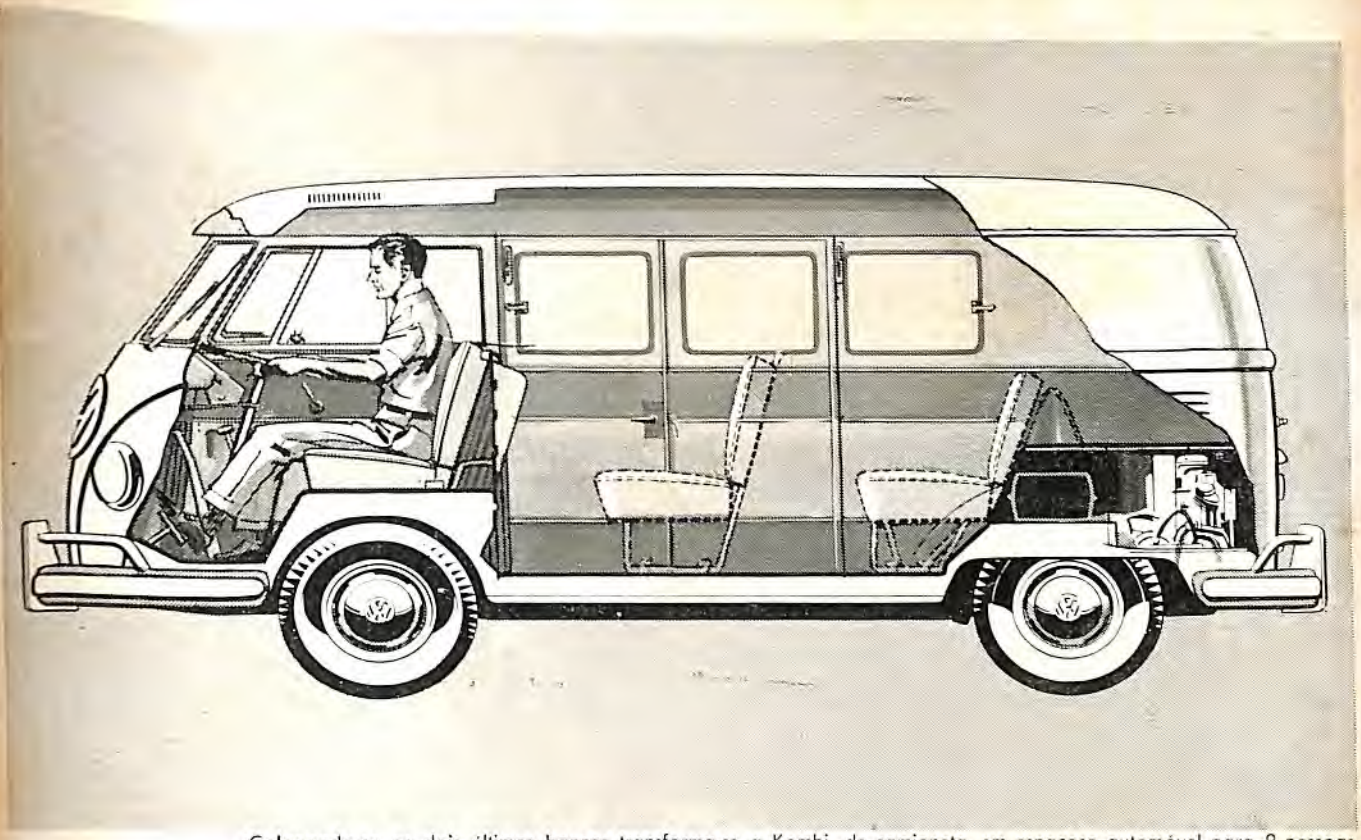
Entidades	N.º de	N.º de	Número de alunos		
	cursos	matrículas	Examinados	aprovados	Reprovados
CBAR	21	394	249	238	11
SSR	23	314	195	170	25
ETA	1	23	12	12	0
—	45	731	456	420	36

Form os seguintes os Cursos Práticos Agrícolas ministrados, especificando-se o número de vêzes que foram realizados:

Cursos Práticos Agrícolas	Número de *vêzes*
Contabilidade Agrícola	3
Cooperativismo Rural	3
Solos e Adubação	3
Organização de Pomares	2
Administração de Propriedades Rurais	2
Enxertia	2
Criação de Porcos	2
Doenças e Pragas de Hortas e Pomares	2
Conservação do Solo	2
Botânica Agrícola	1
Alimentação de Pequenos Animais Domésticos	1
Floricultura	1
Hortas Domésticas	1
Máquinas de Defesa Sanitária Vegetal	1
Cultura de Solanáceas Hortículas	1
Restauração de Pomares	1
Defesa de Recursos Naturais	1
Zoologia Agrícola	1
Multiplicação Vegetal	1
Cultura de Citrus	1
Combate aos Animais Nocivos	1
Organização de Sementeiras e Viveiros	1
Reflorestamento	1
Cultura de Raízes e Tubérculos Hotícolas	1
Inseticidas e Fungicidas	1
Combate às Ervas Daninhas	1
Cálculos e Medidas Agrárias	1
Instalações Rurais	1
Cultura de Hortaliças Foliáceas	1
Preparo e Plantio de Essencias Florestais	1
Cultura de Hortaliças de Verão	1
Preparo e Aplicação de Inseticidas e Fungicidas	1
Criação de Abelhas	1

MUSEU FLORESTAL SUÉCO

ESTOCOLMO (SIP) — O primeiro Museu Florestal Suéco foi inaugurado em Växjo, Suécia do Sul, recentemente, pelo Ministro da Agricultura, Sr. Gösta Netzén. Växjo está situado na provincia de Smäland, ao sul da Suécia, onde a indústria florestal tem revelado enorme expansão durante os últimos anos. O novo museu abrange todos os aspectos da silvicultura e da indústria florestal, apresentando métodos dos velhos tempos, assim como os mais modernos, e maquinária para seu uso, no bosque e nas fábricas. Dois museus florestais de tipo semelhante serão inaugurados nas cidades do norte da Suécia, Gavle e Sundswall.



Colocando-se os dois últimos bancos transforma-se a Kombi, de camioneta, em espaçoso automóvel para 9 pessoas.

O que V. deve saber sôbre a Kombi Volkswagen

A Kombi Volkswagen conquistou o seu lugar no transporte brasileiro: na verdade, mais de 35.000 lugares. A Kombi é tão diferente das demais camionetas, quanto o Sedan Volkswagen é diferente dos demais carros de passageiros. Ela possui capacidade de carga maior do que as camionetas do tipo pick-up e, mesmo assim, custa aproximadamente a metade em despesas de manutenção e de operação. Sem falar do seu preço de aquisição, que é muito menor.

Qual é o tamanho ideal para uma camioneta?

Muitos homens de negócio já se convenceram de que as camionetas convencionais (do tipo pick-up, por exemplo) se tornaram grandes demais para os seus orçamentos. Principalmente quando se trata de transporte de cargas pequenas, que sempre se torna anti-econômico com camionetas dotadas de motores com 3 a 5 vêzes mais cavalos que a Kombi. A Kombi pesa 1.040 kg — aproximadamente a metade do pêso líquido das camionetas tipo pick-up com carroçaria de aço. Isto significa que a Kombi pràticamente atingiu a proporção de 1 : 1 entre carga útil e pêso próprio, considerada inatingível até poucos anos atrás pelos fabricantes de auto-veículos. As outras camionetas precisam carregar dois quilos de pêso próprio para cada quilo de carga útil.

Como construir a camioneta ideal?

Para tal foram utilizados metais leves porém resistentes, bem como princípios de construção e fabricação inteiramente novos. O resultado: um bloco chassi-carroçaria todo de aço e blindado de todos os lados, robusto e sem pêso inútil. No motor, que pesa apenas 90 quilos, empregou-se, ao máximo, ligas de metais leves. Mais pêso foi economizado pela refrigeração a ar, que dispensa radiador, mangueiras e, lògicamente, a própria água. A distribuição de pêso na Kombi é a mais racional possível: o motorista senta na frente, o motor acha-se atrás, e a carga viaja

ARADOS DE ARRASTO

OLIVER

série 140

- A GARANTIA DE UMA LAVRA PERFEITA !

Projetados para operar sob as mais árduas condições de trabalho, seja nos solos pesados de massapê, ou em terrenos arenosos e abrasivos, os robustos arados OLIVER — Série 140 (4 a 7 discos) — suportam regime contínuo de trabalho, com mínimo desgaste e manutenção extremamente simples, proporcionando, em qualquer região agrícola do País, um aumento de produtividade que se mantém por muitas e muitas safras !

- Timão de aço carbono, extra-forte, em posição elevada, mantendo o arado sempre na linha exata de trabalho, sem sofrer embuchamênto;
- Discos de aço ultra-resistentes, apoiados em pratos reforçados;
- Mancais de rolamentos Timken, bem protegidos, permitem o giro constante dos discos, para tombamento perfeito da leiva.
- Sistema de catraca que efetua o levantamento total dos discos em uma única rotação completa da roda externa;
- Articulações paralelas, para um levantamento uniforme dos discos;
- Roda externa pesada e de grande diâmetro, impede que os discos tendam a se levantar nos lugares mais duros; etc.

Departamento Agrícola

MESBLA

210 - SÃO PAULO - PÔRTO ALEGRE - BELO HORIZONTE - RECIFE - SALVADOR - BELÉM - NITERÓI - PELOTAS - FORTALEZA - MARÍLIA - VITÓRIA